



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

HERÁCLITO DOS SANTOS BARBOSA TÁTA LUANGOMINA

MÃE MIRA: A ESTRELA NEGRA DA COSTA DO DENDÊ

**MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE UMA SACERDOTISA DO
CANDOMBLÉ ANGOLA DO TERRITÓRIO DO BAIXO SUL DA
BAHIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

São Francisco do Conde

2016

HERÁCLITO DOS SANTOS BARBOSA TÁTA LUANGOMINA

MÃE MIRA: A ESTRELA NEGRA DA COSTA DO DENDÊ

MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE UMA SACERDOTISA DO CANDOMBLÉ
ANGOLA DO TERRITÓRIO DO BAIXO SUL DA BAHIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, BHU, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Dr^a. Cristiane Santos Souza

São Francisco do Conde-BA

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

L96m

Luangomina, Heráclito dos Santos Barbosa Táta.

Mãe Mira : a estrela negra da Costa do Dendê : memória e trajetória de uma Sacerdotisa do Candomblé Angola do território do Baixo Sul da Bahia / Heráclito dos Santos Barbosa Táta Luangomina. - 2016.

83 f. : il., mapas color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza.

1. Candomblé Angola - Bahia. 2. Mãe Mira, Sacerdotisa - Biografia. 3. Mulheres - Vida religiosa - Bahia. I. Título.

HERÁCLITO DOS SANTOS BARBOSA TÁTA LUANGOMINA

MÃE MIRA: A ESTRELA NEGRA DA COSTA DO DENDÊ
MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DE UMA SACERDOTISA DO CANDOMBLÉ
ANGOLA DO TERRITÓRIO DO BAIXO SUL DA BAHIA

Trabalho aprovado. São Francisco do Conde/BA,
DATA DA APROVAÇÃO:

Prof^ª. Dra. Cristiane Santos Sousa (UNILAB)
Orientadora

Prof^ª. Dra. Ana Cristina Givigi Kiki - UFRB

Prof^ª. Dra. Mariana da Costa Aguiar Petroni (UNILAB)

São Francisco do Conde-BA

2016

DEDICATÓRIA

À minha mãe número 1¹, Alzira Félix dos Santos, que se faz irmã de nguzu como Mam'etu Odemina. Uma mulher fantástica que mesmo sendo vítima do analfabetismo no seu tempo de criança, impedida pelo seu pai de estudar “*para não fazer bilhete para namorado*”, sabe se expressar com bastante precisão, expressando em sua pele, na voz, na alma o empoderamento de uma mulher que carrega no seu corpo o sangue do povo brasileiro, principalmente dos pretos e indígenas que lutaram contra: a escravidão, o machismo, à violência religiosa e tantos outros obstáculos que só **uma mãe pode e tem o poder de fazer pelos seus filhos**. Minha avó é aberta para o novo e tem apenas 62 anos de idade e não é jamais a favor do retrocesso histórico, o golpe, em nosso país. Minha avó eu considero que é o meu maior estímulo para que eu possa alcançar brevemente o título de doutor, pois sou o primeiro da minha família a graduar na universidade, apesar da minha mãe Mãe Bárbara ter entrado primeiro do que na faculdade a qual também trará boas contribuições para a educação pedagógica a partir da pedagogia do terreiro onde são manifestados os valores e práticas da educação alicerçada na ancestralidade de matriz africana do candomblé Angola da Comunidade Caxuté. Minha irmã e avó: Makoiu²! Sakidila³ Mam'etu⁴! Nzambi⁵ Mpungu⁶ sempre nos proteja e a dona do seu Mwtue que é minha mãe, mame'tu Kisimbi nos coloque sempre um do lado do outro nos momentos que Nzambe permitir e claro junto a nossa mametu Kafurengá, sua filha e minha grande mãe⁷. Odemina, eu sou feliz por ter uma pessoa tão kiambote⁸ como a senhora é: mam'etu kiambote amaze mazenza! (mãe bela da água doce).

¹ Minha avó materna.

² Significa aqui no Brasil o mesmo que bênção, eu poderia traduzir como as mãos que a tomam bênçãos e abençoam.

³ Obrigado

⁴ título de sacerdotisa do Candomblé dos povos Bantu no Brasil.

⁵ Deus para os povos Bantu.

⁶ Supremo

⁷ Mãe biológica.

⁸ Bonita, feliz

AGRADECIMENTOS

É com imenso prazer que tomarei brevemente às linhas da folha de agradecimentos para agradecer às pessoas que arduamente contribuíram para que a presente pesquisa tomasse corpo e ganhasse alma, dentre elas destaco: a senhora Maria Balbina dos Santos, minha Mãe Barbara tão Lembha, tão Kitembu, tão bela quanto mam'etu Matamba! Para essa mulher eu fico sem palavras até o momento! Essa é a minha mãe!!!

Agradeço ao meu pai Irênio Querino Barbosa, em memória, que me deu nome e me criou como filho, tendo a responsabilidade de conduzir-me desde a gravidez da minha mãe pelos caminhos precisos de uma criança (*mona ndege*) para o alcance e êxito nos princípios da religiosidade de matriz africana. Meu pai tat'etu Lembha te abençoê sempre, e sua bênção! Tomar a bênção ao meu avô, materno Elpídio Luiz dos Santos, meu bem precioso. À família Luz, na pessoa de minha Tia Genira Oliveira Luz. À professora Edilene Almeida, Zene, no ensino Fundamental II, ela marcou minha trajetória. À Dona Alice da Rua das Flores, minha professora/mãe de banca. Agradeço imensamente ao meu filho pequeno Jefferson Duarte Brandão, responsável pela minha formação na Unilab, meu Taata Kinsaba, filho de Ngongobila. Agradecer à família Gigigi, em Amargosa, na pessoa do ndumbe Benjamin, que me trouxe alegrias durante a escrita final deste trabalho.

À minha orientadora Prof^a. Dra. Cristiane Santos Souza, pelo significativo apoio em acreditar que esta pesquisa era possível, sendo sustento necessário para que a esta produção acadêmica não fosse apenas uma simples e burocrática conclusão de curso.

Aos meus colaboradores na pesquisa, destacando entre eles minha tia de nguzu (da casa de Mãe Mira) tia Lindinha que não mediu esforços, juntamente com taata kambundu Sidú, Babalorixá Vilson Caetano, Tia Hercília, Pedrinho, neto de Mãe Mira, a Tia Marlene, ao médico Doutor Mustafá Rosembergue pelo recebimento em sua casa, onde pude conhecer um acervo de conhecimento oral sobre Mãe Mira. À Janete Pereira Vomeri, do Memorial Histórico da Câmara Municipal de Valença que com seu

compromisso social tem levantado o nome da Comunidade Caxuté e reconhecido a importância desta pesquisa para o povo de candomblé em Valença, a partir do seu espaço de produção histórica.

Aos (às) colegas da Unilab, campus dos Malês meu muito obrigado por ter a honra de conviver com vocês desde maio de 2014. Aos meus pequenos primos e sobrinhos: Miguel, Lembamorasi (Saulo), Emerson, e aos meus sobrinhos/primos: Stefane, Sabrina, Juninho, Alison, Fernanda, crianças que carreguei e carrego no meu colo com todo amor. Por fim agradeço à toda comunidade acadêmica da Unilab em nome de Adelmária, servidora pública exemplar que tem despertado bons exemplos e boas ações em minha *muxima* (coração). Por final, agradeço a meu pai, Rei das Neves, pelo carinho e por ser o meu PAI e a minha Mãe Elvira, minha dama de honra!

EPÍGRAFE

Desde menina eu brincava com estas coisas, vivia lá pelos mato dentro do mangue o dia todo e levava um monte de gente atrás de mim, para me ver fazer aquelas coisas. Eu tinha apenas dez anos. Era coisa de criança, mas muita gente vinha atrás de mim, eu fazia tudo nos mato e lá ficava. Já curei muita gente aqui nesta cidade.

Depoimento de Mãe Mira à Wilson Caetano em 2002.

RESUMO

A presente pesquisa científica tem por objetivo geral a biografia da trajetória da sacerdotisa de matriz africana Sra. Almira Conceição Santos, Mãe Mira, *Mam'etu Kwa Nkisi* do Terreiro Dandalunda Diandele. Esta pesquisa teve início no âmbito da Comunidade Caxuté e foi desenvolvida durante o curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB. A metodologia utilizada compreendeu a criação de um banco de dados composto por fontes documentais, bibliográficas, orais e fotográficas que culminou na realização deste trabalho. Acredita-se que este estudo contribuirá para o registro oficial da memória desta reverenda, uma vez que, apesar da sua grande importância no Baixo Sul da Bahia, pouco se sabe sobre sua memória, trajetória e registros documentais do seu legado Bantu.

Palavras-chave: Mãe Mira, Candomblé Angola, trajetória religiosa.

ABSTRACT

The present scientific research has as general objective the biography of the trajectory of the african priestess Ms. Almira Conceição Santos, Mother Mira, *Mam'etu Kwa Nkisi* of Terreiro Dandalunda Diandele. This research was developed during the course of Bachelor of Humanities of UNILAB. The methodology used included the creation of a database by documentary, bibliographic, oral and photographic sources that culminated in the execution of this work. It is believed that this study contributes to the recording of the memory for the review, since, despite its great importance not Southern Bahia Low, little is known about its memory, trajectory and documentary records of its Bantu legacy.

Keywords: Mãe Mira, Candomblé Angola, religious trajectory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: MÃE MIRA	15
1.1. NASCIDA EM AMARGOSA E CRIADA EM VALENÇA.	16
1.2. MÃE MIRA: DO AMARRA NEGRO AO TERREIRO	20
1.3. PAI MANOEL MENEZ: ENTRE A MATRIZ AFRICANA E O CULTO AOS DONOS DA TERRA	24
CAPÍTULO II: DIANDELÊ: O PALÁCIO SAGRADO DE KASANJI	31
2.1 A ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA DO DIANDELÊ	31
2.1.1 FESTIVIDADES:	34
2.2 O TERREIRO E A CIDADE: CONVIVÊNCIA COM OS SAGRADOS	37
2.3. INVISIBILIDADE DA IMAGEM DE MIRA NA IMPRENSA LOCAL.....	41
2.4 A DECADÊNCIA DO DIANDELÊ	42
CAPÍTULO III: TRAJETÓRIA, MEMÓRIA E ORALIDADE SOBRE MÃE MIRA	44
3.1. A MULHER DO PARTIDO ALTO E O CASAMENTO “ESPANTOSO” NA IGREJA CATÓLICA	44
3.2. A DESDEMONIZAÇÃO ANCESTRAL	49
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	57
FONTES DOCUMENTAIS:	59
ANEXOS	61
APÊNDICE	66

INTRODUÇÃO

A construção do presente trabalho tendo como meta a (re) construção da trajetória de Mametu Kasanji que nos possibilita gerar saberes e girar contribuições para que cada vez mais a universidade possa ter elementos para compreender e respeitar a trajetória das comunidades de matriz africana de origem Bantu e dos demais povos que compõem as nações do sistema religioso o qual denominamos como Candomblé.

Minha condição atual de pesquisador universitário e membro do Terreiro Caxuté, localizado em Maricoabo, descendente do extinto Terreiro Diandele, ambos em Valença-Bahia, que teve como Mam'etu a senhora Almira Conceição dos Santos, de nome iniciático, Kasanji, só foi possível porque fui criado entre a casa de minha genitora, Maria Balbina - Mãe Bárbara, e o Diandele, o que nem por isso torna mais fácil o desempenho na realização da pesquisa. Posso até mesmo expressar que a *escrivência* deste texto é um ato ritual de “tecimento em *malembe*⁹”, que requer passos lentos e precisos para o pensamento e ação em prol do nascimento textual e biográfico, que se prolonga e nem sequer se finda.

Em consonância com o Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB, damos evidência para uma das suas diretrizes curriculares que nos possibilita: “criar para o graduando condições para realizar dentro do âmbito acadêmico uma produção intelectual próxima dos problemas que afetam o coletivo social no qual está inserido” (...) e dessa maneira a Unilab tem nos garantido “Propiciar uma reflexão crítica sobre a sociedade, a economia, a cultura e a política na África Lusófona e suas relações com o Brasil” (PPC-BHU, 2014, p.14). Nessa perspectiva tentamos dialogar academicamente, por meio da pesquisa, de maneira que possamos criar subsídios para que a comunidade se faça presente e representada pelos seus e pelas suas componentes e que seja pensada também no espaço público constituído pelo saber acadêmico, a universidade, sendo esta última um espaço democrático de direito de todos(as) e para todos (as).

Sou um Taata Bakisi,¹⁰ posto este que a mim foi conferido no Kuhandeka, rito de iniciação no Candomblé Angola, na Comunidade Caxuté, pelo Nkisi Tat'etu

⁹ Expressão que tem a conotação de “andar devagar”, devagar o mesmo que devagarinho no Brasil, *malembe* também dentro dos candomblés onde conheci e convivi pode expressar cânticos de misericórdia em forma de súplica aos ancestrais em momentos difíceis. Dentro do Terreiro Caxuté, onde sou membro, sempre utilizamos essa palavra no sentido de que nossos Mukixi nos tivessem compaixão.

¹⁰ Pai responsável pelo cuidado com o *Ndemburo*, quarto da iniciação, com acesso ao *Bakisi* de culto secreto e altares dos *Mukixi* e dos Caboclos na Comunidade Caxuté.

Kitembu, manifestado em minha mãe biológica, Maria Balbina dos Santos, que possui título de “Mam’etu kwa nkisi¹¹” e dijina “Kafurengá”. O Kuhandeka foi feito sob a direção da senhora Elvira Silva Sena, que apesar de Yalorixá, da nação Ketu, conduz muito bem um Candomblé Angola devido ao seu aprendizado com os seus mais velhos e familiaridade com a Comunidade Caxuté.

Muito antes desta confirmação de *Taata Bakisi* no ano de 2013, já havia um longo percurso desde criança, quando Mametu Kasanji já me ensinava a sacralizar os animais para os Mukixi, por confiar na inocência de criança. Recordo-me claramente de alguns rituais, dentre eles, o de ter dado *nguedia*¹² a tate’etu Lemba, no assentamento deste nkisi, que como dizem os mais velhos, “roda” na cabeça da tia Rosana, esta que era *irmã de santo* da minha mãe biológica. Trata-se de um ritual de extrema precisidade para o Candomblé, pois se acredita que os alimentos são essenciais para nossa revitalização e ligação pessoal com o Mukixi.

Assim, rituais de Candomblé como este, desde meu nascimento, fizeram parte de minha vida. O Candomblé sempre foi o meu maior sistema religioso, até mesmo superando a minha vontade antiga de ser padre, por achar bonita na época de criança, a estética das missas. O meu nascimento aconteceu dentro de um território de Candomblé Bantu que cultua até hoje os ancestrais africanos e indígenas.

O Candomblé tem, ao “girar do tempo”, proporcionado subsídios para meu desenvolvimento humano, minha vida material, minha formação acadêmica e militância política em defesa dos povos e comunidades tradicionais de matrizes africanas e indígenas no Brasil. Estas cosmovisões de matriz africana se manifestam na minha vida, quer seja pelas práticas e vivências cotidianas ou pelos estudos afro-brasileiros aos quais tenho me dedicado.

Desta forma, enquanto comunidades tradicionais, temos sentido na pele o que é ser preto no Brasil. Presenciando, até mesmo nos espaços escolares, ações criminosas do racismo religioso, tornei-me um adepto sensível e combatente das mazelas que violam as religiosidades e práticas afro-brasileiras. Luto pela garantia da liberdade

¹¹ Mam’etu kwa nkisi designa o título no Candomblé Angola da sacerdotisa.

¹² Nome genérico para comida no Candomblé Angola.

religiosa e milito no combate à violência religiosa, da qual meu povo foi e é ainda vítima numa sociedade que praticou a escravidão, a colonização, a santa inquisição, a catequização, a caça às “bruxas e feiticeiros”, o racismo, o sincretismo e a sistemática tentativa de apagamento da memória dos povos Bantu no Brasil. Minha inserção na Universidade, meus interesses de pesquisa e produção acadêmica se inserem nesta perspectiva.

O meu lugar de fala enquanto militante do Candomblé não pode ser um espaço de exclusão do espaço acadêmico. Para seu exercício religioso o Candomblé não precisa necessariamente da academia, contudo esta se torna mais um espaço político cultural para discussões da população afro-brasileira. Entendemos que a academia não deve ficar sem beber epistemológica e eticamente dos saberes/metodologias/cosmovisões de matrizes africanas, dos povos e comunidades de terreiro e que quando a academia compartilhar simetricamente dos nossos saberes o olhar da ciência será outro.

Assim meu contexto religioso, minha prática política e minha formação como sujeito levou-me a construir este trabalho, cujo objetivo é biografar a trajetória religiosa de Mãe Mira, sacerdotisa de matriz africana do Baixo Sul da Bahia, devido a complexidade de manifestações e práticas religiosas e culturais que se referem tanto aos Mukixi quanto aos ‘encantados’ ameríndios, que demarcam características do Candomblé Bantu no Baixo Sul da Bahia.

Mãe Mira na cidade de Valença representa o poder das mulheres do Candomblé¹³. Foi uma mulher à frente do seu tempo transformando-se em uma entidade negra não só para os filhos do seu terreiro, mas simbolicamente para o Candomblé no Baixo Sul da Bahia. Desta forma, buscamos pesquisar sobre a vida e trajetória da Mam’etu Kasanji do Terreiro Unzo Dandalunda Diandelê, construindo desta maneira sua primeira biografia. Investigamos a origem deste templo religioso que foi fundado por Mãe Mira e sua consanguínea Mãe Bela.

Através da biografia de Mãe Mira, pretendemos contribuir para resguardar um pouco da memória dos Bantu, que vieram nos tumbeiros traídos e trazidos pelos traficantes e colonizadores portugueses, que com dores físicas e espirituais construíram

¹³ Sobre a questão do poder dos Candomblés na Bahia, ver: SANTOS, Edmar Ferreira. *O Poder dos Candomblé: perseguição e resistência do Recôncavo da Bahia*. Salvador : EDUFBA, (2009).

juntamente com os povos indígenas o que hoje chamamos de Costa do Dendê, mesmo que a história hegemônica esconda esses acontecimentos.

Deixaremos registrado, através da escrita sobre esta baluarte negra do candomblé Kongo/Angola, a estrela negra da Costa do Dendê, a história do seu terreiro, bem como a herança banto no Baixo Sul da Bahia.

Ao longo do texto debateremos, à luz da trajetória de Mãe Mira, as definições quanto ao sistema religioso, o Candomblé, destacando as definições das práticas religiosas destas comunidades. A respeito do nome “Angola”, que no Brasil é uma nação de Candomblé, vejamos o que tem a dizer SILVA (2008, p.192)¹⁴:

(...) é certo que o nome “Angola” é originário do grupo etnolinguístico kimbundu. A capital do reino do Congo, à época da chegada dos portugueses, situava-se em Mbanza Congo, atual província do Zaire, que possui como capital a cidade de Mbanza Congo. Na atual parte ocidental e central de Angola, encontrava-se o reino dos kimbundu, o reino do Ndongo.

Vejamos também o que escreve SILVA (2005, p.66):

Este rito, abrange principalmente o cerimonial congo e cabinda, procura enfatizar a herança das religiões bantos. Essa nação, embora seja a mais popular e a mais praticada pelo povo-de-santo, é vista por membros de outras nações como **deturpada**, pois possui um panteão bem mais abrangente. Cultua, além dos inquices (deuses dos bantos), orixás, os voduns, os vunjes (espíritos infantis) e os caboclos” (grifo nosso em negrito) (...) O candomblé de angola, pelo grande afluxo e dispersão dos bantos no Brasil, difundiu-se por quase todo o país. Em alguns estados, em fins do século XIX, católicas e ameríndias, recebeu nomes próprios como cabula, no Espírito Santo, macumba, no Rio de Janeiro, e candomblé de caboclo, na Bahia. É claro que estes cultos também foram permeáveis à influência jeje-nagô e muitas vezes não sabemos ao certo qual delas predominou.

Com toda perseguição praticada pelos adeptos católicos e europeus às comunidades de matrizes africanas da época, Mãe Mira e Mãe Bela não conseguiram enfrentar amplamente o racismo e violência religiosa, tendo que, muitas vezes recorrer ao catolicismo como forma da própria inserção nos espaços “sociais”, assim criando

¹⁴ SILVA, Ismael Diogo da. Angola Ontem e Hoje. In A Matriz no mundo/ Elísa Larkin Nascimento, (Org.). São Paulo: Selo Negro, 2008.

fora um movimento que é seu próprio terreiro de Candomblé para que pudesse exigir respeito aos não candomblezeiros às suas práticas e crenças religiosas. O que não foi mais fácil para outras sacerdotisas locais em recorte de negras, pobres e mães de santo da época conseguir impor respeito e aceitação, dentro de um estado que legalmente é laico, para adentrar igualmente a estrela negra nos espaços que era reservado apenas para mulheres e homens brancos. Em síntese, não foi fácil para Mãe Mira a manutenção de um terreiro em terra com forte presença cristã.

Sabemos que a Igreja Católica tem até hoje objeções, mesmo com as irmandades negras, às práticas dos adeptos de religiões de matrizes africanas e não seria na cidade de Valença que candomblezeiros ou simplesmente *povo de santo* deixariam de ser perseguidos pela igreja e por alguns segmentos neopentecostais que foram aparecendo ao longo da história da cidade de Valença a exemplo da Igreja Batista, Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Assembleia de Deus, por praticarem o Candomblé.

Como filho da cidade de Valença e estudioso do Candomblé no Baixo Sul da Bahia, pretendo contribuir para o registro e para memória, resguardando em retalhos, a história desse povo, para que suas práticas, cultura e religiosidade afro-brasileira possam ter visibilidade e serem respeitadas através do processo de luta pela paz e do processo de educação continuada, tendo como base a história, a antropologia, os estudos de humanidades e a minha militância político-ideológica dentro do movimento negro e dos Candomblés do Brasil.

Utilizamos na nossa metodologia a noção de trajetória religiosa (RABELO, 2014), instrumentos de pesquisa utilizados resultaram na criação de um banco de dados físico sobre a memória de Mãe Mira, o qual está sob os meus cuidados até o presente momento. Este banco de dados foi e está sendo gerado, por meio de criações de vídeos, gravações em áudios, registros fotográficos, análise espacial (onde situava a moradia e o espaço do terreiro Diandele), diálogos, entrevistas abertas e semiestruturadas, aplicadas com pessoas que tiveram contatos com a Mãe Mira e seu terreiro.

Sobre a trajetória nos diz Rabelo:

Uma das primeiras conclusões a que podemos chegar com o estudo das trajetórias diz respeito à significação do bairro como campo ou

ambiência em que se tecem as aproximações religiosas do sujeito. [...] No bairro também travam um contato cotidiano assistemático com as entidades - em casas de vizinhos e parentes (que dão sessão) e até mesmo nas ruas e nos bares. Entre esses sujeitos, a descoberta e consolidação de laços com as entidades sagradas muitas vezes antecederam o estabelecimento de vínculo formal com algum terreiro, ocorrendo no contexto de empreendimentos religiosos domésticos ou quase domésticos e mesmo no espaço da família (RABELO, 2014, p. 64).

Assim, a trajetória religiosa de uma sacerdotisa é constituída por construções que resultam em laços extensos que vão desde a família até sua prolongação entre vizinhos, amigos, parentes mais distantes, consolidando relações amalgamadas pelas relações religiosas. Desta forma, esta trajetória constrói sentidos e forças que consolida sentidos sociais à vida. Justificamos que a metodologia utilizada com a participação de colaboradores que são minhas fontes primárias e orais desta pesquisa pelos quais compreendo nesta que eles (colaboradores e colaboradoras) foram fundamentais para o desenvolvimento do banco de dados até agora constituído, sabendo que meus colaboradores são os certificadores de que é possível pensar em Mãe Mira, como a estrela negra da Costa do Dendê.

Minhas fontes orais são na maioria pessoa que conviveram com a Mãe Mira, sendo estes detentores da palavra que dará credibilidade na pesquisa. Realizar uma pesquisa de uma pessoa falecida, da qual temos poucos registros é muito complicado e se torna uma ação compromisso do autor enquanto responsável por uma transmissão/reprodução de saberes que não coloque em risco os colaboradores e a trajetória da biografada. RABELO (2014) nos aponta para o fato de que estudiosos das religiões afro-brasileira não tiveram interesse em desenvolver pesquisas sobre trajetórias religiosas das pessoas negras e pobres de Salvador, de como se deu a inserção destas dentro do Candomblé. Estes estudiosos focaram mais em pesquisa como se dava as relações dentro do ‘complexo mundo do candomblé’, e que ela considera a possibilidade destes estudiosos considerarem que as trajetórias do povo negro e pobre

de Candomblé não seriam capazes de ofertar para suas pesquisas, em específico no campo dos estudos afro-brasileiros¹⁵.

Não compreendemos nesta pesquisa uma visão da vida da biografada enquanto dois mundos antagônicos: RELIGIOSO X PESSOAL ou RELIGIOSO X SOCIAL. Pensamos em um corpo/ação/memória que é capaz de ser pensado em diversas faces que se conectam, que se integram ao invés de serem divergentes.

A vida da Mam'etu Kasanji sempre foi movimentada pelo Candomblé, desde criança, quando seus Mukixi e caboclos já lhes davam sinais de suas manifestações de diversas maneiras, até mesmo entrelaçando seu corpo a cipós em meio à mata. Ou seja, a vida de Mam'etu Kasanji é constituída por uma série de manifestações e relações com a religião, de modo que seu universo é determinado por estas relações e ao mesmo tempo são estas relações que a distingue das outras pessoas. Por isso querer pensar a sua vida em dois campos distintos seria minimamente contraditório.

A partir do que chamamos do 'seu despertar' com sua ancestralidade, sua vida deixou de ser a mesma. Diante disso havia uma criança que, a cada passo para sua vida adulta, ia percorrendo um *njila*, caminho, que lhe deixaria resistente para desenvolver mecanismos de aceitação e de defesa da sua vida e de uma futura trajetória que culminará numa cadeira de posto sacerdotal, tornando-se referência para religiosos e seguidores de sua crença, ideologia e práticas concretas.

¹⁵ Utilizamos na nossa metodologia noção de trajetórias de Miriam Rabelo (2014), que em linhas gerais compreende trajetória como o trajeto que diferentes sujeitos constroem durante sua vida num dado espaço (bairro), onde são tecidas aproximações religiosas destes. Rabelo, apesar de uma figura anteriormente de fora, é através da pesquisa que ela irá mergulhar, por sua conduta e posição social, irá ter 'permissão' para mergulhar em questões do cotidiano do terreiro. Pensando juntamente com Lucas Marques (2014), o mesmo analisa que "Rabelo foi se inserindo nos círculos de intimidade e convivência que permeiam o terreiro de Mãe Beata, até o ponto de, em 2009, tornar-se filha de santo da casa, quando confirmada equede de Iansã, adquirindo outra posição na dinâmica relacional do terreiro – posição fundamental para a composição mesma do livro".

Neste trajeto biográfico, o que faço com muito prazer em respeito a memória de Mam'etu Kasanji, trazemos algumas contribuições, que a sua vida nos proporciona para repensarmos nosso trajeto na vida e na comunidade, em termos de produção de saberes e de preservação da nossa tradição.

Trouxemos a citação, abaixo, retirada da obra de BAHRI (2013), para analisarmos o lugar ocupado por um estudo que pretende (re) construir o trajeto de uma mulher negra, para a qual (tomando-a como categoria) era negado o espaço público, os direitos políticos e até civis. Tal estudo situa-se na lacuna das produções sobre as minorias raciais, que emergem com estudos culturais e estudos da subalternidade, no interior da pós colonialidade.

Áreas como os estudos das mulheres e os estudos pós-coloniais surgiram em parte como resposta à ausência ou à indisponibilidade de perspectivas sobre as mulheres, as minorias raciais e as culturas ou comunidades marginalizadas em relatos históricos ou anais literários. (BAHRI, 2013, p. 665).

Mam'etu Kasanji foi invisibilizada socialmente, por uma população cristã que não enxergava suas práticas e manifestações religiosas com “bons olhos”, não havia uma tolerância religiosa, um respeito religioso, o que existia na verdade era um catolicismo que forçava um sincretismo e que não respeitava a fé nos ancestrais africanos e indígenas.

Por meio da relação entre subalternidade e feminismo podemos pensar nas práticas discursivas que regulam a construção da autoridade de uma mulher negra e em que condições emergem o discurso subalterno marcado pela disputa de gênero nas sociedades pós-coloniais.

[...] “os subalternos não podem falar [...] ‘e o sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna’ em particular estavam inevitavelmente fadados a serem ou mal compreendidos ou mal representados por interesse pessoal dos que têm poder para representar” (BAHRI, 2013, p. 659 – 660).

Contudo, as questões de exclusão dos gêneros não me parecem vencidas na época atual. Tenho observado que durante as manifestações públicas dos candomblés da cidade de Valença no dia 2 de fevereiro, onde se celebra o Presente de Yemanjá na praia de Guaibim e durante a famosa Lavagem do Amparo, em outubro, que as mulheres de

nguzu, axé e saravá nunca são entrevistadas e ou quando são entrevistadas não vemos suas vozes nos jornais e rádios locais. Geralmente são as falas dos homens que são registradas e colocadas em destaque a exemplo do Pai João do Ilê Axé Acaibô Boboia Sara, terreiro de ketu e angola, que recentemente alterou seu nome para um outro, que mais tem “destaque” durante os eventos no quesito de exibição e de subalternizar outro terreiros, a exemplo do Terreiro Diandelê, que o mesmo não reconhece em seus discursos, terreiro esse que inclusive o Pai João foi acolhido por Mãe Mira e Mãe Bela e que depois racharam em diversos aspectos que não abordaremos aqui.

A Mãe Mira teve alzheimer, bem como outros problemas de saúde na velhice como todo o ser humano que adocece na face da terra. Trago isso tudo para lembrar que a condição que mãe Mira estava não lhe permitia o total domínio sobre seu próprio corpo e suas vontades.

Numa das minhas idas a campo para entrevistar a senhora Hercília Conceição, irmã de santo e irmã sanguínea de Mãe Mira que nos informa que uma moça que tomou conta da Mãe Mira, a levou para uma igreja. Chegando lá todos sabiam que ela era “mãe-de-santo”, e como bem sabem fazer certos pastores, teriam lhe perguntado se “aceita Jesus na sua vida”; ela teria dito que aceitava como realmente acreditava e tinha fé em Jesus, como qualquer outra sacerdotisa que professava o sincretismo religioso. Além do mais, a Mãe Mira foi, na ativa, uma mulher que visitava onde era solicitada a sua presença. Conta-nos ainda a narradora que a tentativa de converter a Mãe Mira não foi eficaz, “isso foi tudo mentira”, diz ela.

Em meados de 2013, antes mesmo de pensar em ingressar na Unilab, fui em busca de arquivos e objetos de Mãe Mira, para que subsidiassem as minhas futuras pesquisas e na criação de espaço de salvaguarda da trajetória Comunidade Caxuté.

Dirigia-me até a residência, onde Mãe Mira passou os seus últimos dias de vida, na Praça de Fátima, no Bairro da Graça, em Valença-BA, onde sua filha biológica Lucimar morava e a mesma contribuindo na construção de um arcabouço sobre a vida de sua mãe, informou-me, em lamento sobre o falecimento de seu esposo e da sua mãe em 2012, que nas horas antes da morte da mam’etu, ela ouviu da voz de Mãe Mira a

expressão “Eparrey Oyá!”, saudando a ancestral que habitava em sua filha, mesmo que esta não era adepta e nem iniciada no Candomblé.

SOU PORQUE SOMOS

O meu interesse em estudar a trajetória de Mãe Mira e de seu terreiro Diandelê surgiu de minha vida e vivência no Terreiro Caxuté e de minha curiosidade inicial de entender suas raízes e origens. A muito tempo eu sonhava que o meu Terreiro Caxuté deveria ter sua história contada, mas como contar a história da minha comunidade religiosa sem vivenciar determinados tempos e momentos passados? O jeito foi recorrer à pesquisa de campo dentro do meu berço familiar e de pessoas próximas e não tão próximas mas que participaram da história do meu povo.

Eu nasci do namoro de minha mãe a senhora Maria Balbina dos Santos, Mam'etu Kafurengá com José Antônio que era filho do senhor Antonio Lisboa Nogueira, uma autoridade da cidade de Ipiaú/BA. Meu avô, Antônio Nogueira, era membro, filho-de-santo¹⁶ de Mãe Mira.

Mãe Bárbara por sua vez deu introdução, compreendendo toda sua formação no Candomblé Angola por Mãe Mira. Minha mãe, após se separar de meu pai biológico, casou-se com o tio biológico de Mãe Mira, meu pai Irênio, o qual era irmão biológico de Mãe Bela, a mãe biológica de Mãe Mira.

Quando minha mãe estava grávida de mim se uniu a meu pai Irênio Querino Barbosa, que me registrou como seu filho. Seu Irênio, como as pessoas o chamavam, foi meu pai, o verdadeiro pai, que soube conceder-me aconchego, carinho, amor, religiosidade e seu sobrenome. Além de filho de uma filha de santo de Mãe Mira, eu era primo da sacerdotisa, que honra!!! Mas eu sempre a vi como tia e avó. Tia porque quando eu era menor pensava que meu pai era irmão de Mãe Mira e avó porque minha mãe era filha de santo dela. Estas configurações familiares que o candomblé nos possibilita é algo muito importante e aponta para os limites das noções clássicas de

¹⁶ Filho-de-santo expressão utilizada para designar os adeptos dos terreiro de candomblé ou umbanda que é filho de um sacerdote ou sacerdotisa afro, que é chamado/a de pai ou mãe de santo.

família... autores que tomaram as religiões de matriz africanas como universo de interesse de estudos indicavam para isso desde os anos 1930.

Mãe Mira contribuiu para que meu avô Antônio Nogueira saísse do alcoolismo, segundo informações que tive. Dizem que uma entidade quando incorpora nele mastigava vidro. Minha mãe (Mãe Bárbara), ao me contar sobre sua trajetória de vida, lembrou que o namoro dela com meu pai foi muito complicado e difícil. Conforme conta, meu pai não foi homem para assumi-la (numa relação de conjugalidade) e de me assumir enquanto filho. Fui negado por meu pai biológico. Em depoimento mãe Bárbara, diz que ele dizia em voz alta que: “tinha feito vasectomia e que por isso não posso ter filhos”, o que posteriormente se mostrou algo inverídico, pois tenho um irmão por parte de pai, que nasceu após nascimento.

Mãe Bárbara informou que fez ebós para que ele não perturbasse mais a vida dela e que criou-me sem precisar de uma lata de leite para meu sustento. Mãe Bárbara conheceu meu pai Irênio, na casa de Mãe Mira, nas vindas dele para a Bahia, ele morava em Rio de Janeiro, mas era natural de Amargosa/BA.

Fui abençoado em ter um pai com todas as letras, mesmo não sendo biológico, para assistir minha gestação. Ele sabia quando eu iria nascer! Fez escaldado pra minha mãe e disse para ela se arrumar para ir ao hospital que logo eu chegaria. Conforme os relatos feitos por Mãe Bárbara, naquele momento retrucou meu pai dizendo que não estava com dores para ir para o hospital.

Eu nasci na Santa Casa de Misericórdia de Valença, em 10 de setembro de 1994. Fui abençoado antes mesmo do meu nascimento pelos Vunjis¹⁷ das filhas-de-santo de Mãe Mira, que eram irmãs de nguzu de minha mãe. Lembro-me quando meu pai colocava água exposta ao sol para me dar banho. Que segundo ele era pra matar os “micróbios” do meu corpo e além de economizar o gás do botijão ou carvão que era muito utilizado na época na minha casa, o que para nós também o carvão pode ser visto como pobreza, na época. Não nasci em berço de ouro, mas fui bem cuidado pela minha família ampliada - extensa (pais, família de Candomblé, parentes, amigos, colaboradores).

¹⁷ Divindades do culto do candomblé angola, que são responsáveis pela justiça, trazem alegria como criança para uma comunidade.

Meu pai foi vítima do câncer de próstata, ficou cego. Lembro-me que quando ele teve um derrame eu fiquei com medo de dormir com ele devido a situação presenciada, mas dormi. Lembro-me ainda de outra vez em que na casa do fundo da casa grande de Mãe Mira eu fiz uma experiência com ele para tentar fazer com que voltasse a enxergar, mostrando-lhe alguns objetos em cores diferentes. Ele acertou uma que foi a cor amarela mas as outras não... Na inocência e vontade que imperava em ver meu pai bem de saúde, lembro-me que ele ficou feliz porque eu estava do lado dele como filho e eu também. Ele era negro, era alto, orelhas resguardadas e grandes. Sua pele muito oleosa, eu limpava, o rosto dele ficava lustrado. Era negro, petista de carteirinha, intelectual e ganhou até medalha de Honra ao Mérito de algumas leituras que faziam no Rio de Janeiro, das quais não tenho registro. Seu vínculo e suas idas regulares ao Rio de Janeiro era resultado da relação de amizade que tinha com o senhor Veríssimo, que apenas sei que trabalhava com leitura. Essa amizade era grande, pois junto a ele meu pai podia contar inclusive para empréstimos em dinheiro.

Meu pai várias vezes quando eu ia dormir cantarolava músicas da MPB - Música Popular Brasileira, que retratavam a cultura e os valores afro-brasileiros e a sua baianidade, a exemplo da canção que apresento a seguir:

*Bahia, minha alegria é você/
meu samba, minha valsa,
meu frevo, meu ieiê/
Frevo do meu coração,
deixa eu falar mais
só um pouquinho de você....*

*agô, vou ficando por aqui,
não quero saber de mais nada
me dê um pouco de dendê
vou preparar um chinchin
vou comer com minha nega
na lavagem do Bonfim
Tem moqueca de xareu,
tá esperando por mim, fez caruru,
fez vatapá, fez abará , fez quindim,
(Autor desconhecido)*

Lembro-me também de uma vez em que meu pai viajou para o Rio de Janeiro para ver a antiga família (do primeiro casamento dele), ficamos sem dinheiro em casa para comprar comida, foi muito difícil. O vale do pão minha irmã, filha de um casamento anterior de meu pai Irênio, tinha mandado cortar. Fiquei chorando e triste, lembro-me disso! Ficamos eu e minha mãe sozinhos, sendo alimentados apenas por alguns trocados de consultas e ebós. Eu fui comprar o pão na padaria da esquina da Sete Portas, em Valença/BA, e não pude trazer os pães devido ao bloqueio. Acho que eu estava com uns 4 (quatro) ou 5 (cinco) anos. Cheguei em casa, na época era de pré-moldado a casa, e quando minha mãe viu que estava chorando ela entrou em prantos de choro também. Em resumo, até o pão para comermos estávamos sem e, naquela época, meu pai era aposentado.

Meu pai era rezador, incorporava com o mukixi Lemba¹⁸, manipulava várias ervas (*nsabas*), fazia infusões com as plantas em litros de álcool para combater inflamações, inchaços, feridas, e coisas que pouco eu ainda entendia. Um homem que gostava de andar alinhado como muitos de sua geração, ele andava constantemente de roupa social – calças de tecidos, camisas de manga comprida, paletó e gravata.

Lembro-me que naquela época era um tempo de muitas dificuldades financeiras, “tubaína” era luxo, custava 0,80 centavos. Meu pai me criou bem ‘criado’ juntamente com meus familiares e é neste contexto que até hoje busco contribuir com luta dos meus ancestrais na manutenção de práticas de matrizes africanas em solo brasileiro.

Entre meus 5 e 7 anos de idade vi pela primeira vez uma casa de candomblé derrubada ao chão, e isso marcou minha trajetória dentro do candomblé e como pessoa humana. Ver assentamentos de mukixi, desde os quartos de santo no fundo do terreno até as paredes principais do terreiro derrubadas foi extremamente simbólico para, a partir daquele momento, já saber o que a violência religiosa é capaz. Minha casa era tida como casa do demônio e, além disso, por ser terreno de herança, meu tio Romão quis nos colocar para fora de lá, depois de vivermos tanto tempo naquele lugar. O desgraçado praticou violência religiosa e foi protegido pelo judiciário local, isso foi

¹⁸ Divindade do candomblé bantu que é o responsável pela criação dos seres humanos e sua energia/ngúzu se manifesta como a paz. Lemba é o ancestral patrono da Comunidade Caxuté.

minimamente VIOLÊNCIA RELIGIOSA, foi sim um ATO DE RACISMO RELIGIOSO.

Essa falta de representação é semelhante nas esferas política, econômica e legal. Aqueles/as “outros/as” no discurso dominante não têm voz ou dizer em suas representações; estão fadados/as, pelos que comandam a autoridade e os meios de falar, a terem quem “fale por” eles/as. Quando as minorias e outros são representados, como argumenta Said em *Orientalismo*, a representação pode efetivamente existir em vez de estar em situação de correspondência à coisa “real”. (BAHRI, 201. p.665)

É preciso enxergamos que no meio de Candomblé, há também a subalternidade da mulher negra, pobre e de “santo”. Mãe Mira foi uma mulher subalternizada em dados momentos pelo patriarcalismo construído culturalmente como base de sustentação do estado brasileiro, cujo modelo corporativo e privatista lançou mão do machismo para a nomeação de líderes políticos, especialmente no Nordeste, onde o coronelismo demarca o patrimonialismo e a tutela autoritária de agentes políticos. Disto não escapou alguns sacerdotes que, construídos nesta cultura, beneficiaram-se dela. É sabido que os pastores evangélicos na sua maioria têm assumido, ao longo do tempo, um discurso machista e extremamente preconceituoso contra os povos de terreiros e em especial contra homossexuais e mulheres, ainda mais se estes últimos forem negr@s.

CAPÍTULO I: MÃE MIRA



Imagem nº I. Mãe Mira: foto retirada da carteirinha de sacerdotisa de Mãe Mira. Vemos na imagem as contas que expressam o símbolo da responsabilidade e posto sacerdotal de Mãe Mira no candomblé. Fonte: Acervo Caxuté, 1986.

Neste capítulo fazemos uma abordagem sobre a vida de Mãe Mira (onde nasceu, onde foi registrada, onde passou os primeiros anos de sua vida, onde estudou as relações com a família). Utilizo-me dos instrumentos possíveis para pensar sobre trajetória e candomblé remontando e relacionando as informações dadas por pessoas ligadas a esta sacerdotisa. Norteamos nossas questões neste capítulo pelas seguintes perguntas: como foi o encontro de Mãe Mira com o os/as Mukixi. Como se deu o processo de iniciação de Mãe Mira no Candomblé? Estas questões serão tecidas na elaboração deste primeiro capítulo do trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Humanidades. Contudo, neste capítulo damos destaque para as dinâmicas que

versam desde o nascimento da Mãe Mira até quando ela foi de fato, inserida dentro do Candomblé Angola pelas mãos do saudoso Manoel Guilherme de Menezes.

1.1. NASCIDA EM AMARGOSA E CRIADA EM VALENÇA.

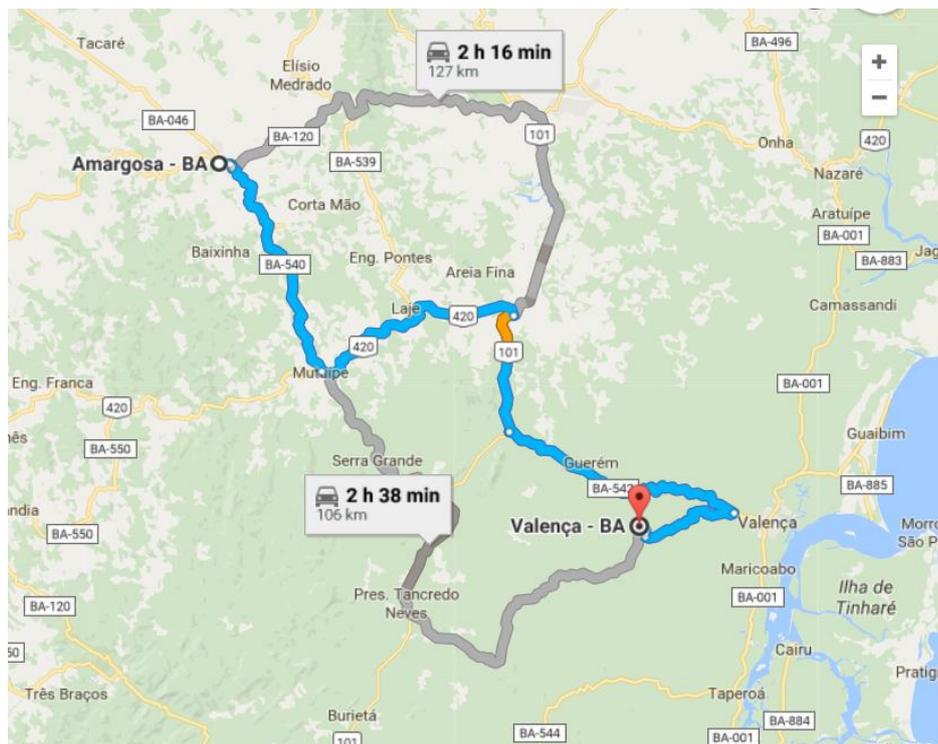


Imagem nº II. Rota de carro de Amargosa à Valença. Fonte: Google Maps, disponível em <<https://goo.gl/maps/EozTBceKe7M2>>, acesso em 18 de outubro de 2016.

Dentro do Candomblé a palavra dendê e ou seu fruto nos remete ao sentido de ancestralidade africana no Brasil presente fundamentalmente em culto dos orixás, voduns e mukixi o dendê se traduz dentre suas características como marca, atestação da memória, da prática cotidiana, da dinâmica religiosa afro-brasileira, da sustentabilidade humana e do alimento do corpo e da alma (LODY, 1992) é neste sentido que escolhemos o nosso título de Mãe Mira a estrela negra da Costa do Dendê para nos situar espacialmente e nos remetermos ao legado bantu no Baixo Sul da Bahia.

Sobre a Costa do Dendê,

A região da Costa do Dendê [...] é composta pelos municípios de Valença, Taperoá, Cairu, Nilo Peçanha, Ituberá, Igrapiúna, Camamu e Maraú (SUDETUR, 2001) e apresenta uma extensão litorânea de cerca de 115km. A denominação da região, definida pelo setor de turismo do Governo do Estado da Bahia, destaca a importância histórica e cultural do cultivo do dendê, predominante nesta região quente e úmida. Com base no IBGE, esta área pertence, em sua maior parte, à Microrregião Geográfica de Valença, a maior cidade da região. A proximidade da Região Metropolitana de Salvador, com quase 3.5 milhões de habitantes em 2005, segundo estimativas do IBGE, com um aeroporto de expressão nacional e com vôos internacionais, é um fator favorável para a expansão do turismo. Hoje, esta região representa um dos principais pólos turísticos do estado, especialmente em Morro São Paulo, na Ilha de Tinharé, onde a demanda turística é intensa durante quase todo o ano. Neste local, a exploração turística e a ocupação de forma desordenada vêm trazendo graves consequências ambientais e sociais, com processos de favelização e marginalização, poluição e destruição de ecossistemas costeiros. (SILVA; SILVA, 2007, p. 30-31¹⁹).

Almira nasceu em Amargosa/BA, migrando-se com seus familiares para o município de Valença, tornando-se parte da população ‘ribeirinha’²⁰. Nos manguezais da Baía de Camamu, Mira começou a ter manifestações espirituais por ancestrais africanos e ameríndios, aos sete anos de idade.

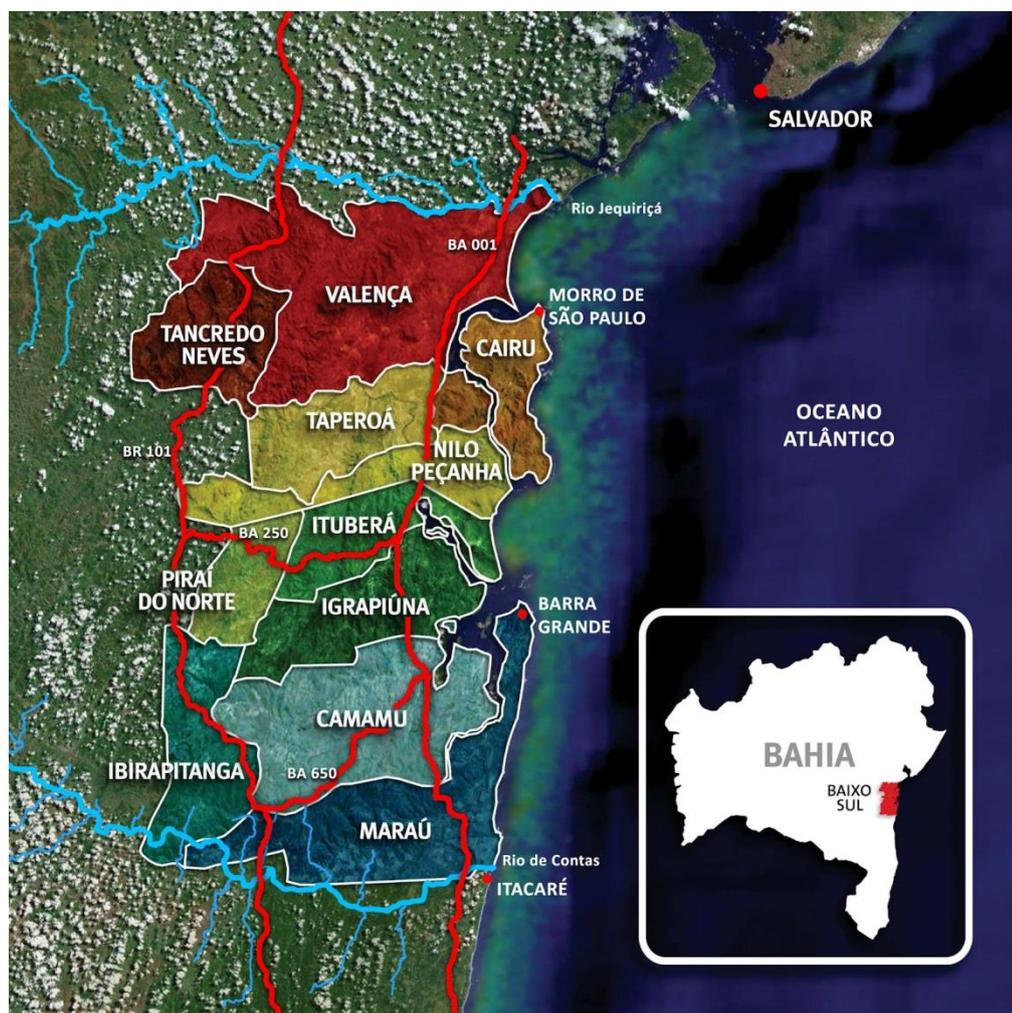
¹⁹ Ver. SILVA, Iracema Reimão; SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Caracterização geo-ambiental e de ocupação das praias da costa do dendê, litoral sul do estado da Bahia. In: GEOSUL, 1., 2007, Florianópolis. *Anais...*. Florianópolis: Periódicos Ufsc, 2007. v. 22, p. 27 - 46. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/12608/11771>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

²⁰ Compreende-se por população ribeirinha povos tradicionais que utilizam rios e mares como sua fonte de renda, bem como pessoas que moram próximas a essas localidades.



Fonte: Bahiatursa, disponível em: [<http://www.bahia-turismo.com/imagens/costa-dende.jpg>], ano 2016.

Tempos se passaram e entre os seus 17 a 18 anos de idade, em 14/05/1941, foi iniciada para a divindade Mam'etu Kisimbi pelo saudoso sacerdote Loyá, Pai Manoel Menezes (citado em *Candomblés da Bahia*, de Edison Carneiro), recebendo nome religioso de Kasanji. Em 25 de maio de 1949 foi ordenada sacerdotisa pelo seu iniciador no Candomblé angola, reconhecida pelo nome de Mãe Mira, tornou-se a “mãe de santo” mais famosa na Costa do Dendê depois de sua mãe biológica, a Mãe Bela.



Mapa do Baixo Sul da Bahia. Imagem: Fundação Odebrecht, disponível em: [\[http://vangemedeiros.blogspot.com.br/p/itubera.html\]](http://vangemedeiros.blogspot.com.br/p/itubera.html), ano 2016.

Anos se passaram e Almira tornou-se um mito histórico pelo luxo, símbolo de identidade banto, por boa condição financeira, por ter sido delegada da Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro e familiaridade no cenário religioso, cultural e político

em Valença e na Bahia. Seu nome aparece bastante referenciado pela oralidade por sua base espiritual e a crença nos ancestrais africanos e nos caboclos brasileiros desde sua infância. Foi uma religiosa que se ascendeu na vida, transformando-se em uma “entidade negra” não só para os filhos da sua casa, mas para o “povo de santo” no vasto território do Recôncavo da Bahia.

A fundação do Terreiro Diandelê na década de cinquenta por duas mulheres, a Mãe Mira e a Mãe Bela, em uma cidade do interior da Bahia, com tendências Católica e evangélica, significou, mais um caso de resistência negra contra os resquícios da escravidão negra no Brasil. Os candomblezeiros/as foram perseguidos/as por estas entidades, sofrendo uma política de invisibilidade das histórias e imagens destes locais.

As contribuições da vivência de Mãe Mira nos leva a pensar, em termos mais amplos a dinâmica dos processos que configuram o universo religioso de matriz africana do candomblé Kongo - Angola (Bantu). Por ora, a trajetória religiosa de Mãe Mira, no Recôncavo Histórico da Bahia, representa o poder das mulheres negras que afirmaram em suas trajetórias as práticas e as referências culturais e religiosas de matrizes africanas.

Migrava de Amargosa, cidade do Território do Vale do Jequiçá, interior do Estado da Bahia, uma família composta pela senhora Hermelina Conceição Rosa e pelo senhor Pedro dos Santos. Esta família tinha também um componente especial, uma *mona ndenge*²¹, filha do casal, com um ano e meio, esta criança mais tarde seria registrada na cidade de Valença pelos seus pais e seu nome oficial civil seria Almira Conceição dos Santos, tendo como data de nascimento 14 de junho de 1931, passando em registro cartorário a ser natural deste novo município. Almira era chamada carinhosamente pelos seus pais de Mira, nome este que carregou pelo resto de sua vida.

1.2. MÃE MIRA: DO AMARRA NEGRO AO TERREIRO

²¹ Criança – Do idioma Kimbundo, esta palavra designa as crianças, principalmente em Angola na África.

Valença é uma cidade localizada no interior do Baixo Sul da Bahia, região que a abriga a chamada Costa do Dendê, Valença possui segundo informações do *Mapeamento Manguezais e carcinicultura no Baixo Sul do Estado da Bahia, Brasil* o total de 145,28 Km de área de manguezal. Neste município as/os valencianos/as têm o mar, o manguezal, a agricultura e o comércio como as principais categorias de produção da economia local.

O Baixo Sul ocupa uma área de 7.168,10 km², correspondendo a aproximadamente 1,14% do total do estado da Bahia. [...] O Baixo Sul da Bahia é uma das regiões de colonização mais antiga no Brasil. Sua ocupação iniciou em meados do século XVI, impulsionada pela necessidade de abastecer de alimentos a recém fundada Cidade da Bahia (Salvador). O Baixo Sul era chamado, naquela época, de Europa dos Pobres, devido ao seu clima agradável. Até hoje, como parte da chamada **Costa do Dendê**, é reconhecida como uma das regiões de maior diversidade ambiental e paisagística do planeta. [...] Desde o início do século XVIII, **a cultura africana** se fez presente na região, uma vez que era comum a fuga de escravos para as vilas e a conseqüente formação de quilombos (ICÓ; SANTOS, OLIVEIRA, 2009, p. 27, grifos nossos).

Mira labutava com seus genitores na busca dos “frutos” dos habitats naturais para subsistência familiar e comercial. Na sua infância conheceu significativamente estes frutos a exemplo de sururu, ostra, lambreta, caranguejo, siri, aratu, guaiamum, peixe, camarão, dentre outros. Conheceu a rede, a canoa, o remo que lhe conduziam pelas águas salgadas da Costa do Dendê. Sua tarefa, entre seus seis a sete anos era auxiliar os seus pais na renda familiar. Foi uma criança que aprendeu desde cedo a como lidar com as dificuldades que a vida proporciona ao ser humano ao longo de sua existência na terra.

Conforme depoimento da Mãe Mira (Depoimento de Mãe Mira em entrevista concedida a Santos e Júnior (2002): “mas posso dizer que sou filho de Valença, pois aqui quando cheguei, não tinha um ano e meio... me criei aqui.” (..) Minha vida toda foi no mangue, arrancando ostra, nunca trabalhei na fábrica²². Vivi e cresci no mangue. Nasci no dia 14 de junho de 1931”.

²² Refere-se a Companhia Valença Industrial - CVI

Almira não era vítima de abuso do trabalho infantil, porém o auxílio aos seus pais era fundamental inclusive para criação de seus irmãos. Mira sabia o que era ‘ter que trabalhar’ para não passar fome, para comprar seus sapatos, seu perfume, que por sinal para muitos era luxo devido à pobreza.

É neste contexto que Mira, começa a ter sinais de sua espiritualidade em meio aos matos do Amarra Negro, localidade que hoje se chama de Bairro dos Loteamentos Bahia 1 e 2, em Valença.

Essa conversa que estamos tendo nos remete a cosmovisão africana, vamos ver essa inserção de Mãe Mira dentro da religiosidade traçada por influências africanas e indígenas nos permitindo a entender que pensar a trajetória do povo negro é pensar bantu (povo), o muntu, a concepção de pessoa a qual está introduzida no universo compondo as dinâmicas da vida nas dimensões espirituais e humanas. Bebemos aqui dessa visão nas palavras de SOUZA, 2010:

Essa cosmovisão de mundo se reflete na concepção de universo, de tempo, na noção africana de **pessoa**, na fundamental importância da palavra e na **oralidade** como modo de **transmissão** de conhecimento, na categoria primordial da **Força Vital**, na concepção de **poder** e de **produção**, na estruturação da **família**, nos ritos de **iniciação** e **socialização** dos africanos e, é claro, tudo isso assentado na principal categoria da **cosmovisão africana** que é a **ancestralidade**. (SOUZA, 2010, p. 97, grifo nosso).

Como demonstra RABELO (2014, p.53), “o ingresso efetivo em um terreiro de candomblé surge nas narrativas como algo que se opôs na vida dos sujeitos, em geral, devido a situações de aflição. [...] A maioria [...] buscou iniciação no candomblé em contexto de aflição e/ou explicitamente como forma de resolver a aflição, interpretada como chamado do santo”. Mais adiante RABELO (2014, p. 55), nos traz clareza em afirmar que “A vinculação com o candomblé é vista de tudo como obrigação: para a maioria, faz-se não por gosto - pelo prazer das festas, pela curiosidade, estudo ou desejo pessoal de aprofundamento - mas pela força da necessidade, pela demanda de entidades que nem no espiritismo de mesa branca encontra satisfação”.

Aí, foi quando ela incorporou no “santo”, aos sete anos de idade! Segundo conta Mãe Lindinha que Mira teria *bolado*²³ no santo, na casa de uma mãe de santo de Valença, aos pés de pai Manoel Guilherme de Menezes, o qual se encontrava em diligência religiosa pelo Recôncavo Sul, atual baixo sul da Bahia. Vejamos os trechos em que Mãe Mira fala do encontro com o sagrado:

Desde menina eu brincava com estas coisas, vivia lá pelos mato dentro do mangue o dia todo e levava um monte de gente atrás de mim, para me ver fazer aquelas coisas. Eu tinha apenas dez anos. Era coisa de criança, mais muita gente vinha atrás de mim, eu fazia tudo nos mato e lá ficava. Já curei muita gente aqui nesta cidade... Eu não entendia muito bem ainda estas coisas, disse que era Oxumarê e Oxossi que me pegava e um caboclo, depois passei a receber Oxun. Acho que era uma mistura. Vinha tudo: santo, misturado com egum, sei lá... Meu pai se chamava Pedro Francisco dos Santos e minha mãe Ermelina Rosa da Conceição. Tinha dia que a gente tirava vinte cestas de ostra. Eu entrava no mangue sozinha, governando uma canoa. Um dia meu pai me levou para a Fonte da Prata, para fazer azeite, mas não me dei lá não... Eu fazia aquelas coisas toda, mas vivia doente, caindo. Estava assim no mangue e aquela coisa me pegava, jogava a cesta fora e dizia que eu não precisava disso. Eu ainda continuava doente, ia na casa de uma senhora chamada Dona Filinha. Oxu me pegava lá e dizia que era para me cuidar. Só dizia que eu tinha de procurar um moço. Meu tio Romão me levou para Salvador, para São Caetano, número 425, para a casa de Manoel Menezes. Loyá era a dijina dele. Ele era de Yansã. Estava na época do carnaval e ele saía no cordão Mocidade e Folia. Ele falou: como vou ficar com esta menina? Me lembro como hoje, um irmão dele de nome Bandanguame, ela era de Omolu, ficou comigo e meu tio Romão Querino Barbosa vendia pão de São Caetano até o Largo do tanque para ajudar pagar a minha obrigação. Não me lembro, mas acho que tinha de 17 para 18 anos. No dia 14 de maio Oxun deu nome. Sempre me chamei Casange, até mesmo antes de fazer o santo. (SANTOS; JÚNIOR, 2002. p. 4).

Sobre a resistência dos pais em não aceitar seus filhos dentro do terreiro, mostra RABELO (2014, p. 38, 39), que

²³ Ato de “bolar”, é quando uma pessoa que tem princípio da incorporação com os ancestrais, orixás, voduns, nkisi, do nada cai sobre o chão do terreiro de candomblé, já possuído pela divindade sagrada, sinalizando que esta quer que a sua “matéria” (a pessoa) seja iniciada para ela no candomblé, neste ato o corpo da pessoa enrola-se pelo chão e após isso é acolhido pelos responsáveis por ele ou pelo administrador de um terreiro.

[..]é possível também que sua resistência em contribuir para o envolvimento dos filhos no candomblé tivesse sido alimentada (ou pelo menos temperada) pelo preconceito difundido contra as religiões afro-brasileiras, movida por um esforço de evitar que estes últimos viessem a assumir a identidade (negativa) de macumbeiros. [...] Essa resistência, é claro é mais forte entre famílias cujos vínculos com o candomblé eram mais fracos ou menos inexistentes.

1.3. PAI MANOEL MENEZ: ENTRE A MATRIZ AFRICANA E O CULTO AOS DONOS DA TERRA



Imagem nº III. Fonte: Acervo Caxuté, imagem doada por Mãe Lindinha, não se sabe o ano.

Para começarmos, citado no livro *Candomblés da Bahia*, de Edison Carneiro (2008), o Pai Manuel Guilherme de Menezes, na época, era um dos mais importantes sacerdotes da tradição *jeje* de candomblé na Bahia, ao longo da pesquisa busquei

compreender: o porquê Mãe Mira é de *tradição angola* e seu pai é tido por Carneiro como de *jeje*.

Entre os *jejes*, avultam os do Bogum (Emiliana), de **Manuel Menez** e de Manuel Falefá, no último dos quais fui encontrar, ainda vivos, mitos daomeanos sobre Xangô (sobô) e o culto de Dã, ‘o encanto dos bichos de arrasto’ (CARNEIRO, 2008, p. 50, grifo nosso).

Mais adiante, ele continua sua análise e nos diz que:

Os *jejes* foram quase completamente absorvidos pelos *nagôs*, embora tenham resistido novamente à absorção. Os candomblés dessa nação, na Bahia, são apenas três – o da velha Emiliana, no Bogum, o mais importante de todos, o poço Betá (Manuel Falefá), na Formiga, *jeje-maí* (mahi), e o **de Manuel Menez, em São Caetano**. Essas casas têm resguardado galhardamente a **pureza** do *culto jeje* (CARNEIRO, 2008, p. 73, grifos nossos em negrito).

No candomblé da velha Emiliana há uma serpente pintada na parede do barracão; **Manuel Menez** me afirmou que “as cobras não o mordem”; e Manuel Falefá, contando-me o nascimento do arco-íris, lhe deu o nome de Soboadã, que entretanto suponho seja apenas uma Dã especial do Sobô (Sogbo), pois, no Daomé, todos os voduns têm uma. De qualquer modo, Dã está presente em todos os candomblés *jejes* ainda existentes na Bahia. O seu estudo ainda está por se fazer (CARNEIRO, 2008, p.74, grifo nosso em negrito).

A grande maioria dos pais não pertence aos candomblés *nagôs* e *jejes*, com exceções como Eduardo Mangabeira, do Ijexá, Procópio, do Ogunjá, Manuel Falefá, do Poço Betá, e **Manuel Menez**. Os pais são em geral de Angola e do Congo e mais comumente caboclos (CARNEIRO, 2008, p. 112, grifo nosso em negrito).

Pesquisando sobre o Candomblé na Bahia em busca de alguns dados sobre Menezes, avistei-me na Biblioteca Pública do Estado, localizado no bairro dos Barris, em Salvador-Bahia, com a obra do professor Luís Nicolau Parés, que nos informa em seu livro intitulado de *A Formação do Candomblé: História e ritual da nação jeje na Bahia*, que não encontrou dados sobre Menez, que citado por CARNEIRO em Candomblés da Bahia. Vejamos agora o que diz PARÉS: “Em relação ao terreiro de

Manuel Menez, em São Caetano, infelizmente não consegui maiores informações” (PARÉS, 2006, p.253).

Sobre Manuel Guilherme de Menezes, ele era filho de santo da senhora Maria Francisca do Rosário. Mãe Francisca foi iniciada pelo pai de santo Isaias, que tinha terreiro de candomblé em Camaçari/BA, em um lugar chamado Aspaca. Manoel Menezes faleceu em entre os dias 15 ou 16 de maio de 1958 na cidade de Ilhéus/BA, na casa de uma filha de santo sua.

Edson Carneiro estabeleceu em seu livro a ideologia da pureza no Candomblé, na qual sustentado pelos estudos da antropóloga Ruth Landes e precedido por Nina Rodrigues, que marginalizam tanto os cultos quanto aos adeptos dos cultos que reverenciam a ancestralidade indígena dentro do Candomblé. Nestas obras vemos a marginalização de uma religiosidade que dialoga a partir de uma convivência multiétnica ancestral que reverenciam a terra e seus praticantes. Estes antropólogos criaram o **mito da pureza no candomblé**, negando em suas obras a importância dessas convivências que foram fundamentais para a criação do conceito antropológico de religiões afro-brasileiras. O sacerdote de Mãe Mira foi tido em Edson como puro, e essa pureza o pai Manoel não vivenciava e nem reproduzia. Claro que ele conhecia sim as diversas linhagens do candomblé e seus clãs, porém no clã deste pai a presença do culto aos ancestrais indígenas era fundamental para a resolução dos problemas diários que os nkises e orixás não poderiam resolver como de tal forma. São alicerçados por eles, bem como há em suas obras um esquecimento dos cultos bantu no Brasil. Nina Rodrigues foi pioneiro em teorizar que os cultos Bantu são inexpressivos e irrelevantes para a formação institucional religiosa do Candomblé.

O Candomblé Bantu tem sua origem em tribos africanas que habitavam a linha abaixo do equador, ou seja, na área subsaariana e tem seus rituais baseados em conhecimentos ancestrais daqueles povos que são compostos de ritos iniciáticos e de injunções religiosas específicas. Já os indígenas são nativos do Brasil, com um sistema religioso bem parecido com os africanos de culto aos elementos da natureza, porém de ritos próprios e diferentes dos africanos. Apenas a grande afinidade entre os dois povos deu origem ao acolhimento incontestável do Caboclo brasileiro no seio dos Candomblés de

origem banto, sendo tratados como Encantados e sempre bem-vindos nas casas de Candomblé Angola/Congo. (SANTOS, 2008, p.48²⁴).

Como sua filha biológica, Mãe Lindinha, nos relata exclusivamente em entrevista, seu pai Manuel Menez recebia um caboclo de nome *João de Otalaji*. A manifestação deste caboclo e do seu culto nos indica uma contradição no que afirma Edison Carneiro: “essas casas têm resguardado galhardamente a pureza do culto jeje” (CARNEIRO, 2008, p.73), chamando-nos atenção para o fato de que a “pureza” do culto *jeje* seria a inexistência de culto a *caboclo* e práticas da nação Angola/Kongo e com outras nações. O que justifica a ligação do Menez com o candomblé *jeje* foi por conta da sua iniciadora, a Mãe Francisca do Calabetão, que também tinha caboclo, *Gentileiro de Cacurucá*, porém o que sabemos de notório e confiável saber é que Menezes foi, apesar de sua mãe ser *jeje*, um pai de Candomblé Angola-Kongo que também dedicou-se assim como o taata Londirá (Joãozinho da Goméia) para os donos e donas da terra.

Em oposição do nagocentrismo (OLIVEIRA JUNIOR, 2011), sustentado por Nina Rodrigues e muitos outros pesquisadores, nós povo Banto vemos nossa cosmovisão todos os dias presente em nossa vida, no nosso jeito de ser, de comer, de vestir, de se comportar, não que tenhamos como negros uma singularidade linear, mas temos sim nossa maneira de enxergar para nossos problemas, acreditando e construindo uma filosofia de vida a qual temos a palavra *nguzu* como princípio de força, de energia capaz de nos tornar humanos e sermos atentos para as encruzilhadas que a nossa existência terrestre nos proporciona e para isso fortalecemos em nossos discursos de religiosidade e militância política, Bantu, que temos sim uma filosofia, a qual SANTOS (2008), faz a seguinte reflexão:

Pensar a filosofia banto em termos de uma metafísica dinâmica é pensar de outro modo que a racionalidade construída pela filosofia européia da clássica a moderna. O pensamento banto não se preocupa com o problema da origem, da finalidade, da essência, do ser. A filosofia banto é mais uma ontologia dinâmica do que uma metafísica do ser, utilizando-se dos termos da própria filosofia européia. Na

²⁴ SANTOS, Anselmo José da Gama. Terreiro Mokambo: espaço de aprendizagem e memória do legado Banto no Brasil. UNEB, SALVADOR, 2008.

cultura banto não existe correlato para a noção de “SER”. Na cultura banto fala-se em força.

Manoel Menez ou Menezes

Pai do candomblé gegê em S. Caetano ([CARNEIRO 1948](#), com as duas grafias).

Canta em iorubá e gêge, conta estórias em angola e congo (*caboclo*. Salvador, Bahia.
12/3508 B, 12/3513 (Do. 10 nov 40); 12/3514 to ~16 (5ª. 14 nov 40)

José Luis

1 lado, canto Nagô (iorubá). Salvador, Bahia.
12/3508 (Do. 10 nov 40).

Imagem nº IV. Fonte: captura de tela, ver nota de rodapé²⁵

Há no Candomblé, conforme minha experiência enquanto candomblezeiro, uma marginalização dos cultos aos caboclos e práticas indígenas dentro de alguns Candomblés *nagocentristas*. Teses como esta estão presentes dentro do discurso de sacerdotes e sacerdotisas que dizem zelar pela *pureza* do Candomblé.

Vejamos as letras das cantigas destes caboclos, que foram cantadas em entrevista por Mãe Lindinha:

Caboclo “Gentileiro” (Caboclo de Mãe Francisca):

Gentileiro rosedá que te trouxe por aqui,
Gentileiro rosedá que te trouxe por aqui,
eu vim salvar o povo dessa aldeia daqui,
eu vim salvar o povo dessa aldeia daqui.

Caboclo “João de Otalaji” (caboclo de Pai Manoel Menez):

“João de Otalaji jinguê,
João de Otalaji tatê,
caboclo olato maiongombê,
João de Otalaji jinguê”.

Mãe Lindinha, ainda nos conta como era a cantiga do Caboclo Ubirajara, de Mãe Mira, para “salvar” seu pai, João de Otalaji:

²⁵ Manoel Menezes e José Luís, foram informantes do Pr. Lorenzo Turner no Brasil. Disponível em: [\[http://www.capoeira-palmares.fr/histor/turner/info_pt.htm\]](http://www.capoeira-palmares.fr/histor/turner/info_pt.htm), acesso em 16 de novembro de 2016, às 22:21H. Veja na imagem que Pai Manoel era dotado de conhecimento sobre as três nações de Candomblé na Bahia.

“Eu sou Ubirajara da Turquia
e venho aqui neste kanzuá,
eu vim saudar a minha junça de ouro,
na aldeia de João de Otalaji”.

Outra cantiga que Lindinha nos conta é a de João de Otalaji chamando o seu “Huntó”, José Luiz, de dijina Luana, o qual era ogan da orixá Oyá:

“Isquindingue, insquindingue ogan,
eu sou de de maiongombá,
caboco máia mas não bambê, ô Luana
eu sou de maiongombá,
cadê o meu ogan, ô Luana,
meu taata Oiá”.

Despercebida de muitos, contestada por alguns, a superioridade da importação de negros bântus, na Bahia, no século XVII, é incontestável. A sua importância foi extraordinária e os seus marcos conservam-se até hoje. Representando a primeira entrada, em massa, de escravos africanos para a Bahia, a sua cultura disseminou-se em todos os sentidos (FILHO, Luiz Vianna. 1946. O Negro na Bahia, p.48).

Sobre o modo de ser dos povos Bantu que vieram para a Bahia, FILHO (1946), nos informa que os:

Bantu foram os primeiros negros exportados em grande escala para a Bahia, e que aqui deixaram de modo indelével os marcos da sua cultura. Na língua, na religião, no folclore, nos hábitos, influíram poderosamente. O seu temperamento permitiu um processo de aculturação tão perfeito que quase desapareceram confundidos pela facilidade da integração. (FILHO, Luiz Vianna. 1946. O Negro na Bahia, p.60).

Para pensar a situação de marginalização dos povos Bantu no Brasil, na diáspora, precisamos nos ater no que diz Nei Lopes (2008, p. 95), a respeito de pesquisadores como Nina Rodrigues, Silvio Romero, Afrânio Peixoto, Oliveira Vianna, Braz do Amaral, Manuel Diegues Jr. dentre outros citados no texto “Os bantos”, no livro “Bantos, malês e identidade negra”:

Enredados, então, num juízo apriorístico, esses estudos sobre o negro brasileiro só viram as aparências: não souberam definir com clareza os

conceitos de *Banto e Sudanês*; não mostraram os diversos contextos históricos em que esses Bantos vieram para o Brasil; não falaram das grandes civilizações florescidas nas partes meridional, central e oriental da África antes da chegada dos portugueses; não mencionaram a formidável obra de pilhagem e destruição que esses portugueses levaram a efeito em território africano; não se aprofundaram na heróica e organizada resistência dos africanos à escravização e ao domínio colonial; não viram a República Livre de Palmares como um Estado criado e dirigido por Bantos; confundiram etnias com portos de embarque; não estudaram os Bantos enfim.

Em seu texto intitulado “Velhos e Novos Desafios da História Indígena no Brasil” CANCELA (2016, p.15²⁶), analisa que há uma negação do papel do índio nos escritos elaborados anteriormente no Brasil, principalmente no século XIX, vejamos:

“Tradicionalmente, desde a fundação da historiografia nacional, no século XIX, os índios ocuparam um lugar secundário na história do Brasil. Sem despertar muito interesse para os historiadores, suas ações sempre foram identificadas e analisadas à luz da atuação de um projeto supostamente civilizatório nas terras conquistadas e colonizadas ao sul do Novo Mundo. De um modo geral, a escrita da história no Brasil negou o papel dos índios como sujeitos históricos, retratando-os, quando muito, como vítimas passivas ou indóceis da ambição e violência dos europeus”.

²⁶ CANCELA, Francisco. Velhos e Novos Desafios da Historiografia Indígena no Brasil *In* Os índios na história da Bahia/Organizado por Fabrício Lyrio Santos. -- Crus das Almas : EDUFRB; Belo Horizonte : Fino Traço, 2016.

CAPÍTULO II: DIANDELÊ: O PALÁCIO SAGRADO DE KASANJI

Neste capítulo vislumbro sistematizar como se deu o processo de construção do Onzó Dandalunda Diandele, pelas mãos de Mãe Bela e Mãe Mira? Como era vista a Casa de Santo do Cajueiro? Como se deu o processo de ordenação religiosa de Mãe Mira? Como seu terreiro conseguiu respeito dentro do município de Valença e em toda a região da Costa do Dendê? Como era composto o calendário religioso do Diandele? Quem foram as pessoas públicas que frequentavam o Diandele? Busco saber quais contribuições os negros bantos deram para formação do Baixo Sul?. Como que o terreiro se relacionava com a cidade de Valença?

2.1 A ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA DO DIANDELÊ

MÃE BELA - Hermelina da Conceição Rosa, foi uma mametu que ainda hoje é respeitada na história de Valença, lembrada por seus filhos de santo alguns ainda vivos a exemplo de Mãe Cecília, e de Seu Silvino, este último rezador conhecido nas imediações da Rua do Cajueiro. Mãe Bela foi muito referenciada pelo seu filho Silvino que, ao pensar nos tempos de vida dela, as lágrimas vêm em seu rosto. É até hoje muito referenciada por ter dedicado a sua vida no Candomblé Angola.

Sobre Mãe Bela, PORTO (2013) nos demonstra grande admiração regência da Comunidade Diandelê:

Quem não se lembra de Dona Bela de ogum, Mamêtu Kassendá, grande Dama, grande Mãe de Santo, que muitas vezes vi atuando e regendo com firmeza e dedicação o axé da casa, e Mira, sua filha carnal na atuação direta junto a sua mãe. Pouco tempo depois que saí de Valença prá morar em S. Paulo, soube da passagem de Mãe Bela, para as moradas eternas, o que foi uma grande perda...

Mas nem tudo foram flores na vida de Mãe Bela, para receber esse título, ainda católica saindo de Amargosa venho carregando consigo a sua primeira filha, a pequena Mira. Católica que era, teve que abrir mãos de alguns dogmas presentes na sua vida para servir e fundar com sua filha o palácio Terreiro Diandelê, conforme iniciação e reverência ao seu pai zelador o sacerdote Manoel Guilherme de Menezes. Segundo nos

revela sua *filha de santo*, Mãe Cecília, “Mãe Bela não raspou por ser abikú, e abikú, na época, não se raspava”.

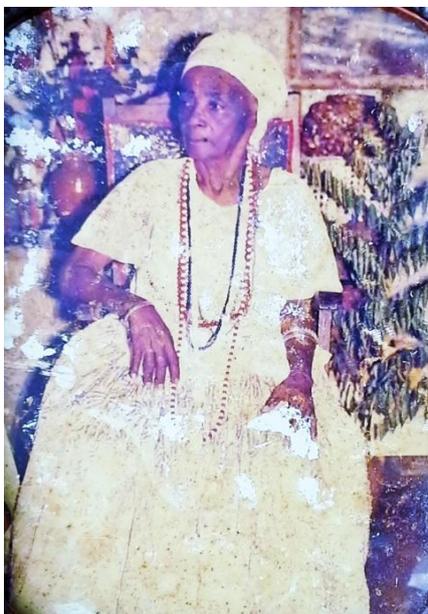


Imagem n°:V. Fonte: arquivo pessoal de Dona Hercília Conceição, (Sem ano).



Imagem n°:VI. Fonte: Arquivo pessoa dona Mundinha filha de Mãe Bela, (Sem ano)

Tivemos acesso cópias das fotos doadas e autorizadas por Hercília Conceição, sobre o ano não temos as datas precisamente, sabemos apenas que na imagem n°: V é Mãe Bela na cadeira de Hooxi Mukumbi, e na outra imagem n°: vemos Mãe Bela em porta-retrato entre seus 40 para 50 anos mais ou menos.

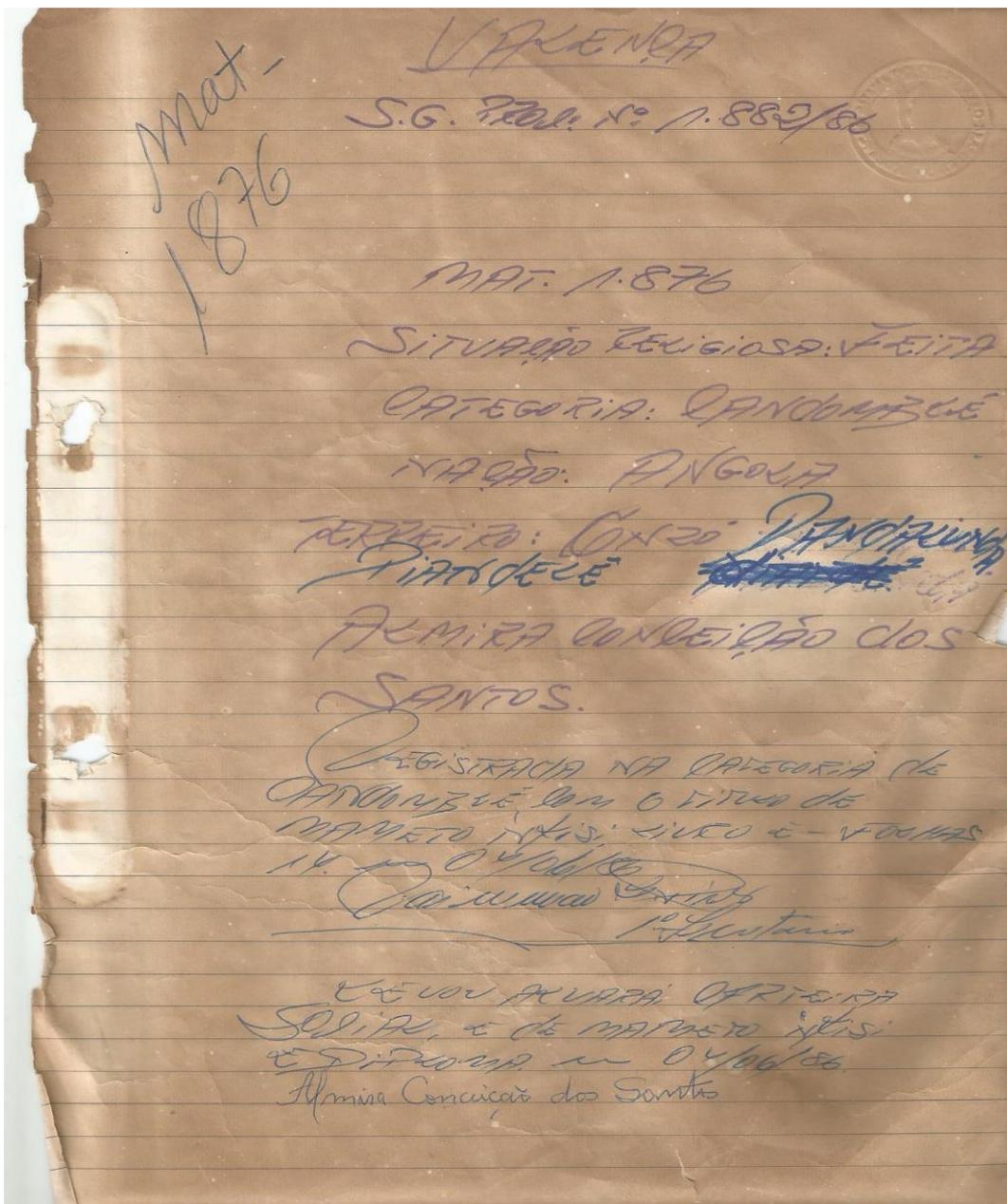


Imagem nº:VII . Fonte: Arquivo da FEBACAB, datado de 1986.

Evidenciamos através do documento acima a maneira organização do seu registro na FEBACAB. Neste documento está escrito intitulado e sublinhado como “Valença”, a matrícula de nº 1.876. S.G processo nº 1.882/86. Com dados manuscritos sobre a situação religiosa de Mãe Mira. Raimundo registra em 04/06/86 Levou alvará, Carteira Social e de Mameto Nkisi e Diploma em 04/06/86. Logo em seguida para

validar a anotação tem registrado no papel a assinatura de: Almira Conceição dos Santos. Este documento manuscrito está dentro da pasta da Mãe Mira nos arquivos da FENACAB, que tivemos acesso.



Imagem n^o:VIII. Na foto, Mãe Mira em confirmação de um taata Kinvonda, no Terreiro do “Alto” do Matondo, terreiro na época liderado por seu irmão de santo Pai Benedicto Argolo. Fonte: Arquivo Pessoal de Lucimar, filha de Mãe Mira, tivemos acesso à imagem em 2013, sobre o ano da imagem não temos o registro.

2.1.1 FESTIVIDADES:

De acordo com a fala de Mãe Mira, vemos o quão era movimentado o calendário religioso do Diandelê. Dar um boi não era um ato comum a todas as casas de Candomblé, para se dar um boi era preciso ter condições financeiras:

A maior festa era em janeiro, esta era a maior... chama a mesa da Jurema. Era no último domingo de janeiro. A mesa da Jurema era a festa do caboclo Sebastião e Ubirajara. Era três dias de festa. Dava um boi e tudo... tinha a festa de Oxun em maio, no dia 14, e em setembro o caruru (SOUZA; CONCEIÇÃO, 2002, p.6).

- **Mesa da Jurema:** A Mesa da Jurema que se realizava no último domingo de janeiro, era a Festa mais esperada da Comunidade Diandele, parentes, vizinhos, amigos, autoridades, filhos e filhas de santos congregavam de 3 dias de festividade em honra aos caboclos Ubirajara e Atumbansé. Nestas ocasiões,

anuais, se ofertavam um boi para a alimentação dos participantes e dos caboclos. A mesa da jurema era esperada por toda a redondeza, eram vários carros estacionados pelos caminhos da Rua do Cajueiro. Era hora dos filhos de fé assistir o dançar e o cantar dos caboclos da casa. Na Mesa da Jurema era momento de muita alegria, mas também de muita reverência aos donos da terra. Mãe Mira e Mãe Bela organizavam centenas de frutas nas mais diversas cores e tipos. Flores, muita bebida de plantas medicinais, a exemplo do Aruá, muito procurado inclusive por Doutor Mustafá, que recorda com Bastante precisão.

Ê jurema, ê jurema,
chama os caboco
para vir beber jurema.
(Cantiga entoada pelos kambundu do Diandelê)

O samba de caboclo é a louvação da liberdade do dono da terra, da terra brasileira. É a interpretação dada pelos segmentos de matriz africana daquele que representa em síntese o ancestral brasileiro. Os rituais dos candomblés de caboclo seguem a formação da roda, conforme o *xirê* dos candomblés de nação. Há uma ordem nas danças, mantendo sempre a roda em organização hierárquica como nos demais terreiros. (SABINO; LODY. p. 68²⁷).

- **Flores pra Kavungo:** Todas as segundas-feira, assim como no candomblé ketu, também era reverenciado o Nkisi Kavungu, segundo nkisi de cabeça de Mãe Mira. Eram diversas pessoas também que frequentavam as flores (pipocas) para “o velho”. Estudantes, meninas, meninos, jovens, idosos, vizinhos, parentes também participavam da “flor do velho”. Elias Porto Luz²⁸ recorda em um artigo, que escreveu, a muitos pedidos meus para salvaguarda da memória de Mãe Mira, no texto ele fala sobre as segundas-feiras no Terreiro Diandelê, assinala PORTO (2013):

Tive o privilégio de residir na minha infância, na Rua das Flores, bem próximo ao Barracão de Mãe Mira, que, aliás, não era apenas o

²⁷ SABINO, Jorge; LODY, Raul. Danças de Matriz Africana: Antropologia do Movimento. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

²⁸ Ver texto de Elias Porto Luz em: [<http://serafro.blogspot.com.br/2013/07/mae-mira-doxum-grande-diva-do-candomble.html>], acesso em 17 de novembro de 2016, às 16:59H.

Barracão, era quase uma vila de casas, residência dos familiares e de pessoas ligadas ao Axé, e o espaço enorme dos locais sagrados, muito movimentado, casa lotada, festas lindíssimas... E nas segundas-feiras havia uma homenagem ao Velho Obaluayê, muitas vezes e quase sempre, faltava as aulas, no antigo ginásio, e fugia prá casa de Mira, comer pipocas e saborear um gostoso mingau servido pelas filhas de santo. Êita! tempo bom, que recorde com saudades...

Mam'etu Kafurengá, Mãe Bárbara rememora a “flor-do-velho”:

Na minha vida, Mãe Mira deixou todo o legado, porque o legado que Mãe Mira deixou é Caxuté, porque tudo que Caxuté é, é através de Mãe Mira e todos esses ensinamentos que o caboclo de Mãe Mira me deu, o nkise de Mãe Mira me deu e a própria Mãe Mira, pra mim foi muito importante e preservo até hoje, com certeza eu vou preservar para sempre. [...] Porque o que eu aprendi lá na casa dela eu não consigo esquecer, e eu continuo fazendo o que eu aprendi na casa dela, fazendo na minha casa, as cantigas, as zuelas que lá cantava, né?! Os banhos como ela ensinou, eu fazer os banhos, as maiongas. Então..., a obrigação de Kavungo que era o tabuleiro do velho no cesto eu continuo fazendo, a obrigação dela que ela fazia toda segunda-feira, das outras pessoas era no tabuleiro, mas o dela era no cesto e o meu ela me deu um cesto para eu fazer minhas obrigações de Obaluaê/Kavungo no cesto.

- **Kizomba de Ndanda-Nlunda:** no dia 14 do mês de maio era o período onde se celebrava festivamente a regência da inkisi Ndanda-Nlunda sobre a vida de Mãe Mira, pois a sacerdotisa foi iniciada para essa divindade das águas profundas, da grande cobra d'água. Havia no Diandelê a vestimenta desta nkisi, em lantejoulas amarelo-ouro e grande partes desapareceu ao longo do tempo.

As festas do Palácio de Mam'etu Kasanji forma muito importantes na construção de boas relações sociais com algumas autoridades locais, vejamos isso na fala do compadre de Mãe Mira, o doutor Mustafá Rosembergue:

[...] Ela era muito bem relacionada com muita gente de cultura, com pais de santo de outras entidades, de vários terreiros de Salvador, Menininha do Gantois, esse pessoal todo participou dela. Todo esse pessoal! Pessoal vinha pra conhecer e a casa era aberta! Ampla casa! Vinha muita gente mesmo. [...] A fé que levava irmã Mira era sem expressão... porque era muito rica e ela era aquela mesma delicadeza, era aquela mesma suntuosidade, aquela mesma perfeição de gente que estava preocupado, preocupada naquela época com a formação dela, muita gente. Muitas festas, o ano inteiro teve festa da comemoração de Mira. Muita gente mesmo (balança a cabeça pra afirmar)... e

sobretudo de Ipiaú, Gandú, Jequié, daqui da zona, eram esses lugares mais acreditados (Entrevista: Doutor Mustafá Rosembergue, 2016).

- **Kizoomba de Nkosi Mukumbi:** por mais incrível que pareça o Diandelê celebrava o momento em que dois nkisi da mesma linhagem chegavam em terra: eram Ogum Rei de Visaúra (de Mãe Bela) e Ogum de Lê (de Mãe Mira). Era nessa ocasião onde era prestada homenagem aos donos da forja.
- **Caruru de Vunji:** o carurú de Vunji era celebração que acontecia no mês de setembro, todos os anos, onde se celebrava a presença das crianças no cotidiano do Diandelê, Vunji é o nkisi da justiça, do rejuvenescimento, da renovação, está ligada a parte sentimental do ser humano, é o nkisi que mais se aproxima da vida do terreiro.

2.2 O TERREIRO E A CIDADE: CONVIVÊNCIA COM OS SAGRADOS.



Imagem nº: IX. Fonte: Memorial da Câmara Municipal de Valença, não sabemos do ano em que foi capturada a imagem.

[...] A cidade é banto. Os terreiros que conseguiram se manter mantiveram mesmo de forma fragmentada esta raiz. Acho que uma boa memória é sobre a Festa de Ubirajara e do caboco Sebastião [...]. (Entrevista cedida a JÚNIOR, Vilson, 2002).

Seu terreiro, um espaço de aproximadamente 100m², incluindo a área mato que comporta o assentamento de Jurema, árvore sagrada, o unzô Banbogira, casa do mensageiro e o unzô vumbi, casa dos antepassados, precisa de passar por uma reforma. Os 7 cômodos que incluem o barracão, o quarto dos nkisi que guarda uma fonte de pedras onde mora Dandalunga, o local do segredo onde acontecem a iniciação estão comprometidos. O telhado de onde se pode avistar as quartinhas coloridas representantes da força do nkisi está ameaçado pelos cupins e pelas telhas velhas e quebradas que precisam ser substituídas. (SANTOS; JÚNIOR, 2002, p. 7).

Um dos dados etnográfico que mostra a identidade Bantu do Diandelê está expresso no relato de Mãe Mira:

Na fachada da casa que tem a força de Dandalunga, nkisi que controla os rios, tremula a bandeira branca de Tempo, aquele que com Bamburucema, divide o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, fazendo a ligação entre eles. Foi este nkisi que diante de uma dificuldade foi falar com Zambi que lhe respondeu: “Tudo no seu tempo, à Tempo Dá” (SOUZA; CONCEIÇÃO. 2002, p. 7).

O extinto Terreiro Diandelê foi espaço para práticas de enfrentamento a uma sociedade racista, machista, preconceituosa, uma sociedade que tinha o Estado Laico como irrelevante na Constituição Federal da República Brasileira, pois se na constituição estava escrito que era garantida a liberdade religiosa, os cultos e suas liturgias, os próprios homens da lei procuravam violar a liberdade de consciência, culto e liturgia práticas dentro do terreiro de Candomblé e centros de Umbanda. Mãe Mira neste contexto exerceu influência dentro da sociedade valenciana, tendo amizade com figuras públicas e tidas como importantes a exemplo do médico Heitor Guedes de Melo, o qual não se sabe se apesar do nome de doutor, ninguém sabe se era um título acadêmico que equivale na academia ao doutorado.

O Diandelê no município de Valença representou, pelos dados que nós temos nesta pesquisa um espaço de resistência negra, um dos espaços de resistências negras na Costa do Dendê, no Baixo Sul da Bahia, pois é a partir das figuras de Mãe Mira e Mãe Bela onde se vai propor um modelo de religiosidade onde se cobrava o respeito pelas práticas de matrizes africanas.

Há hoje em pleno 2016 um grande movimento, que inclusive faço parte, mas essa luta já vem de muito tempo, desde quando os escravizados africanos e indígenas reivindicavam seus direitos, combatiam de várias formas, com diversas estratégias combatiam a violência religiosa e as práticas de discriminação racial.

Sobre Mãe Mira e as festividades PORTO (2013):

Dona Mira atuante na sociedade, amiga e respeitada por políticos e religiosos, simpatizantes ou não da cultura afro-brasileira e nas festas da cidade, sempre tinha uma participação de Dona Mira com um bloco, um Maculelê, ou algum folguedo por ela apoiado e dirigido... Era assim a Valença dos meus tempos... Bons tempos aqueles em que o Candomblé tinha muito prestígio por aí, e grandes nomes que me lembro muito bem, eram ovacionados, não somente Mãe Mira e Mãe Bela, mas, outros nomes como, Sr^o. Almiro, Dona Laura, Dona Olga, Dona Eulália, Dona Lourdes, Sr^o. Vadinho e não poderia deixar de citar aqui o Sr^o. Augusto Caldas, meu primeiro pai de santo, com quem aprendi os primeiros rudimentos do candomblé de caboclos...

Então, a Mãe Mira, juntamente com a Mãe Bela vão exercer um papel fundamental, dentro do município de Valença e vão reivindicar dessas autoridades que frequentavam sua casa, inclusive doutor Mustafá Rosembergue, Doutor Heitor Guedes de Melo, a outras autoridades que inclusive foram filhos/as delas. A Mãe Mira reivindicava, tanto que essas pessoas pudessem ter acesso a religiosidade de matriz africana e que também pudessem respeitar, sem violar os direitos dos povos de matriz africana já a muito tempo, a muito período, já que a fundação do Diandele, é fundado entre 1949 à 1950.

Esse terreiro exerceu papel fundamental para afirmação da religiosidade afro-brasileira, haja vista que recebia professores, intelectuais da época, como visitantes e como pessoas que iam tomar a bênção, serem benzidas, rezadas pela mam'etu Kasanji e a Mam'etu Kasenda. É importante, enquanto pesquisador, salientar que não só os

espaços de religiões de matrizes africanas de hoje, eles são promovedores e provedores de ações de estratégias e combates das manifestações de violação dos direitos da população negra-brasileira, mas muitos outros terreiros antigos já exerciam a responsabilidade de garantia dos direitos constitucionais.



Imagem nº X, Comemoração do batizado de Luiz Alberto, filho de Mãe Mira. Fonte: Acervo Caxuté. não temos a data da imagem.



Imagem nº: XI. Batizado de Lucimar, do seu lado direito vemos seu padrinho o Dr. Heitor Guedes de Melo, segurando uma vela nas mãos direita, usando paletó e gravata e óculos de grau nos olhos.



Imagem nº: XII. Segundo o Taata Kwa Nkisi Katuvanjesi, Lomanto Júnior foi filho de santo de Mãe Mira e político brasileiro, ex-governador da Bahia, era natural da cidade de Jequié/BA. Fonte: *A Tarde*.

2. 3. INVISIBILIDADE DA IMAGEM DE MIRA NA IMPRENSA LOCAL

O que vamos chamar de processo de invisibilidade de Mãe Mira na memória e história de Valença, é pelo fato de que Mãe Mira, na maioria das vezes, ela foi convidada para participar de diversas festividades e eventos com a “alta sociedade valenciana” como as pessoas dizem, ia receber governadores, prefeitos, e inclusive também ia dá benção dentro desses espaços, não só os padres, porém ela não aparece evidenciada na imprensa local. Padre abençoava com toda a autoridade que seu sacerdócio exercia e de maneira visualizada por todos e as sacerdotisas a exemplo de Mãe Mira quando eram convidadas iam para abençoar aquele espaço ali, não eram somente com o sentido pejorativo, como muitas pessoas veem a representação da baiana do turismo, as chamadas “baianas do pelourinho” como se elas, na maioria das vezes não fossem iniciadas no Candomblé e estão ali só por conta de conseguir sobreviver com donativos de turistas e gringos usando inclusive elementos do Candomblé de maneira irresponsável e na maioria das vezes para enfeitar o cenário de Salvador para gringo ver.

Essas pessoas iam sim para fazer rituais religiosos, dentro desses espaços sociais. Mam'etu Kafurengá²⁹ nos informou que quando a Mãe Mira, algumas vezes frequentava o Centro de Cultura de Valença, não se tratando de folclore ou simulação da espiritualidade, nem de espetáculos, mas havia momentos que a espiritualidade de Mãe Mira, era tão elevada, que ela tinha incorporação dentro do centro cultural isso nós não temos o direito nem o dever, nem sequer podemos entender como falta de doutrina religiosa, porque inclusive Mãe Mira não governava seus mukixi, ao contrário os mukixi eram quem governavam a vida dela, porque ela estava ali para servir as divindades afro-brasileiras.

2.4 A DECADÊNCIA DO DIANDELÊ.

O Terreiro do Cajueiro agora só está vivo em nossa mente. Fui criado no Terreiro da Mãe Mira, pois minha infância foi lá dentro do Diandelê, no terreiro da minha família de santo. O Terreiro Diandelê, após Mãe Mira, não conseguiu fazer sucessor. Depois de Mãe Mira tudo se acabou, tudo se destruiu, o terreiro foi roubado por diversas vezes, ladrões levaram roupas, vestes sagradas, imagens, paramentas, as disangas do mukixi (potes de culto), diversas peças que compuseram todo detalhe e riqueza da casa sagrada.

Não foram feitas intervenções de recuperação do Diandelê devido a não autorização dos seus dirigentes, Lucimar e Beto, bem como da família de Mãe Mira, dos filhos de Mãe Bela. Os filhos de santo se afastaram da casa e não ajudaram a Mãe Mira reerguer o seu reinado, ainda mais que o terreno do terreiro era herança dos familiares. Não houve por parte do poder público uma sensibilização da importância daquele terreiro para salvaguarda e proteção do patrimônio afro-brasileiro daquela cidade.

Em 2002, Vilson Caetano juntamente com Mãe Mira encaminharam um projeto intitulado “Memorial Onzó Dandalunga Diandelê” para a Fundação Cultural Palmares, na gestão de Ubiratan Castro mas não tiveram sucesso, segundo Vilson Caetano o filho biológico de Mãe Mira não era de acordo com a reforma do Terreiro Diandelê, porque eles poderiam perder a posse.

Ouvi dela (Mãe Mira) a história emocionada de que ela ia para o mangue, Oxun pegava ela e jogava o cofo de marisco fora e dizia que

²⁹ Nome religioso de Mãe Bárbara da Comunidade Caxuté.

aquilo não era vida para ela. Foi feliz no santo, mas muito triste no axé. Iniciou um barco que foi sua ruína. Pessoas ingratas. Morreu pobre e desgostosa assistindo sua casa ruir e ser tomada pelos usuários de droga. Contou com poucos amigos. Temos que homenageá-la mesmo. Valença foi uma cidade que recebeu número significativo de africanos da região angola congo. Ainda hoje há manifestações ai destes grupos. [...] Pena que eu não guardei o telegrama de Juscelino Kubitschek para ela na década de 70, no auge do seu terreiro. Ela teve muito dinheiro. Foi dona de boutique na rua direita. Foi uma mulher negra em ascensão. Não se pode esquecer de Dona Bela, a mãe dela. Na verdade, o terreiro primeiro era de sua mãe. (Entrevista concedida por Babalorixá Vilson Caetano).

Sobre a decadência do Terreiro PORTO (2013) fala que:

(...) E, à medida que retornava a Valença, percebia uma leve decadência naquela casa, e aos poucos, depois de ser acometida pela doença, Mãe Mira, antes procurada, aclamada, paparicada, começa a sair do cenário, da vida da sociedade valenciana, e ultimamente, entristecia-me, ver aquele Barracão, aquela propriedade, em ruínas... (...) Aquela que outrora fora um ponto de espiritualidade agora se encontra em estado de total abandono e decadência. Não deveria ser assim, mas, são qualidades ruins de nós seres humanos, estarmos sempre perto de quem está no auge, quando os amigos têm o que oferecer, nas festas e banquetes, mas, quando isso tudo cessa, lhes viramos as costas... Mas, é assim mesmo, é a vida!

O declínio do Terreiro Diandelê representa para as tradições Bantu da Costa do Dendê e do Baixo Sul da Bahia uma perda histórica irreversível, com a destruição deste espaço sagrado a Nação Angola daquela região entrou em profunda instabilidade, numa grande crise, haja vista que após a derrubada das paredes e dos assentamentos sagrados, acompanhada pela morte da Mãe Mira pessoas, familiares, adeptos e amigos se sentiram sozinhos sem o seu recanto que outrora era um palácio de apoio dos pobres e menos favorecidos. A falta do Diandelê e da Mãe ficará em nossas mentes, podemos ser seguidores do Palácio de Dandalunda, mas nossa dança, nosso sorriso nunca mais será o mesmo, pois perdemos um espaço de ancestralidade afro-indígena em nosso Território.

CAPÍTULO III: TRAJETÓRIA, MEMÓRIA E ORALIDADE SOBRE MÃE MIRA

Neste capítulo desenho de forma mais precisa a atuação de Mãe Mira e sua contribuição político-ideológico para manutenção das suas tradições no Baixo Sul da Bahia. Investigaremos quais eram os planos para a manutenção de uma prática religiosa de matriz africana que é capaz de pensar o terreiro enquanto espaço de prática político-ideológico da negritude tornando-se espaço de empoderamento social e independente.

3. 1. A MULHER DO PARTIDO ALTO E O CASAMENTO “ESPANTOSO” NA IGREJA CATÓLICA

Mãe Mira era uma mulher do “partido alto”, que no seu tempo de regência do Diandelê foi uma das sacerdotisas mais respeitadas na Bahia, sendo detentora de uma agenda telefônica onde se registrava nomes de pessoas de grande importância na cena política e econômica brasileira, dentre eles deputados e até mesmo presidente da república. Mãe Mira foi comadre do famoso médico Mustafá Rosembergue o qual até hoje reconheci a importância desta sacerdotisa, por meio da entrevista que realizamos em sua residência familiar de frente da Santa Casa de Misericórdia de Valença. Outra figura que com certeza foi importante na vida de Mãe Mira foi o médico e compadre Doutor Heitor Guedes de Melo, que batizou Lucimar. Mãe Mira e o médico Heitor Guedes tinham muitas afinidades, os dois eram muito ligados os dois trocavam conhecimentos a respeito das ervas medicinais, Mãe Mira ensinou muita coisa para o ex-prefeito e médico de Valença-Bahia.

Segundo nos conta doutor Mustafá Rosembergue que o casamento de Mãe Mira foi um casamento espantoso que chamou atenção de toda a cidade de Valença:

Almira Conceição dos Santos... Mãe Almira! Fazia festas maravilhosas... A festa do casamento dessa moça foi uma coisa espantosa (...) de Jequié pra baixo como se fala, foi muita gente que veio (...) foi festa a semana inteira, festa a semana inteira! (Doutor Mustafá)

Em entrevista ao médico sobre o que essas pessoas “vinham fazer o que” na casa da Mãe Mira, ele nos responde imediatamente:

Beijar a mão dela! Conversar com ela, receber a bênção dela. O que é que faz uma mãe de terreiro? O quê que se vai fazer? Ela estava se formando naquela época. **A festa do casamento dela só foi maior do que a festa dela de iniciação, o casamento. Quando ela casou algum tempo depois a festa foi maior foi maior do que a festa de iniciação dela!** É.. da feitura dela. Me lembro de tudo... me lembro de tudo! Me lembro dela, estou vendo brincando, pilheriando com ela, era! Era amiga de meu pai, muito amiga de meu pai! Era freguesa de meu pai. Meu pai era negociante, é por intermédio desse (...) desse negócio que... eu era empregado de meu pai, trabalhava fazendo as cobranças para estabelecer os negócios e aí fomos nos conhecendo, ela e as irmãs dela e os irmãos todos (Doutor Mustafá Rosembergue, grifo nosso).

Mãe Mira, foi uma mulher comerciante detentora de um saber que característico dos povos de matriz africana, de criar estratégias de sobrevivência. Como certificamos em sua carteira da FEBACAB, a sacerdotisa tinha como profissão, além do sacerdócio, comerciante. Mãe Mira foi dona da “Boutique Almira Boutique”, segundo meus colaboradores e sua filha Lucimar. Sua Boutique como tinha informado sua filha Lucimar era frequentada por pessoas importantes do Baixo Sul da Bahia. Vendiam-se roupas da Ellus dentre outras marcas reconhecidas, bem como produtos importados fora de outros estados bem como perfumes e outros produtos cosméticos e de roupa e sapatos. Segundo Janete Vomeri, coordenadora do Memorial da Câmara Municipal de Valença, a mesma teria informado, em minhas idas ao memorial, que Mãe Mira teria sido a primeira comerciante a ter papel de embrulho personalizado com sua marca.

A respeito da intimidade com a sacerdotisa Mãe Mira, PORTO (2013), nos conta sobre suas conversas em volta dos estudos do Candomblé Bantu, vejamos:

Mesmo residindo em São Paulo há muitos anos, nunca deixei de visitá-la, me fazia bem ser por ela abençoado, conversar assuntos referentes à cultura afro-brasileira, especialmente o Candomblé de Nação Angola, o qual, ela entendia, como poucos... Fazia-me muito bem, nas minhas visitas periódicas à Valença, minha terra querida, visitar Mira e com ela bater um bom papo, nem que fosse rapidinho, mas, era muito bom.

FEDERAÇÃO BAIANA DO CULTO AFRO - BRASILEIRO
 Reg. em Cartório de Títulos e Pessoas Jurídicas sob. n.º 619 - Utilidade Pública nº 1263 de 9-3-80
 Salvador - Bahia - Brasil

DELEGADA 47

Carteira N.º

Nome **ALMIRA CONCEIÇÃO DOS SANTOS**

Função **Delegada de Culto Afro- Bras.**

Salvador, **31** de **Maio** de 19 **94**

Assinatura do Portador

Responsável pela Delegacia **DE**
VALENÇA

Validade até **31 / 01 / 97**

A FEBACAB solicita das autoridades Cíveis e Militares que facilitem ao portador da presente no desempenho de sua função.

Lucimar dos Santos
 Presidente



Imagem nº XIII. Carteirinha de delegada de Mãe Mira - datada de 31 de maio de 1994. Fonte: Acervo Caxutú.

FEDERAÇÃO BAIANA DO CULTO AFRO-BRASILEIRO - FEBACAB
 Fundada em 24 de Novembro de 1946
 Salvador - Bahia - Tel. 241-0145

Matrícula n.º 1.876

ALMIRA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

NOME **SANTOS**

CANDOMBLÉ

CATEGORIA *Escola de Esoterismo de Santoma*

PRESIDENTE



Nome **ALMIRA CONCEIÇÃO DOS SANTOS**

Nacionalidade **Brasileira**

Naturalidade **Valença**

Nascimento **14 de julho de 1931**

Estado Civil **Desquitada**

Admissão **02 de maio de 1986**

Profissão **Comerciante**

Residência **Rua Cachoeira- 126**
Valença- Bahia

Imagem nº XIV .Carteirinha de filiação de Mãe Mira na FEBACAB. Esta carteirinha foi consultada ainda em 2013, quando visitei Lucimar, filha biológica de Mãe Mira. Fonte: Acervo Caxutú.



Imagem nº XV. Fonte: Acervo Caxuté, ano (?).

Segundo Lucimar, esta foto acima (XV) registra o dia do casamento dela com seu esposo Césare, o qual segura o braço de Mãe Mira, sua sogra até o seu final de vida. Não há registros da data do casamento. Porém, vale lembrar que a mesma roupa que mãe Mira está usando na imagem abaixo (XVI) é a mesma desta foto. Será que as fotos foram capturadas no mesmo dia? Fica aí uma dúvida nossa.



Imagem nº: XVI. Fonte: Acervo Caxuté, sem data.

Na imagem vemos Mãe Mira, no centro uma advogada de Valença, e Lucimar, filha de Mãe Mira, está última usando roupa de época e chapéu. Não temos o registro do que se trata a imagem. Lembro que este sofá ficava na sala de visita da casa de morada de Mãe Mira, em frente ao Terreiro.

Sobre o estado de saúde e o avançar da idade de Mãe Mira escreveu PORTO (2013):

Numa dessas minhas visitas à ela, ela já doente, tinha sido acometida de um Derrame, mas, totalmente ativa, lúcida e alegre, me mostrou com orgulho o Diploma que recebeu da Câmara Municipal de Vereadores de Valença, o Título de Yalodê, ou seja, grande Mãe, Mãe respeitada, Mãe Rainha, Mãe Velha... Tomei nas mãos o diploma e também me emocionei, pois realmente era isso que era Mira, uma

Rainha, uma grande Mulher, uma referência de muito respeito e por muitos aplaudida e procurada, e, tendo sua casa de candomblé como ponto de referência e sempre lotada por todas as camadas da população Valenciana, nos anos,60,70 e 80 ... O “Conzól Nkisse Kassendá D’NZambi”, como era chamada espiritualmente a casa de Mãe Mira, era uma casa de encantos, de axé, de magia e de funções espirituais frequentes.

3.2. A DESDEMONIZAÇÃO ANCESTRAL



Imagem nº: XVII. Do lado direito de Mãe Mira a jovem de uma veste nas cores preto e vermelho, entre mãe mira a jovem aparece o ex-vereador André Coutinho, não foi reconhecido o senhor do lado direito da foto com a quartinha na mão esquerda. Fonte: Acervo Caxuté.

Nesta pesquisa nos chamou a atenção as imagens e relatos sobre os cortejos religiosos de Mãe Mira, na tão conhecida Lavagem do Amparo, em Valença, onde participavam pessoas de diversas bandas da Bahia e presenças estrangeiras, nesta breve introdução nos chama a atenção à coragem de Mãe Mira, que foi tida como louca, sem noção, por levar jovens vestidas com roupas de ancestrais afro-brasileiros para as ruas da cidade de Valença, principalmente pela levada da veste de “Pombagira” para a

Lavagem do Amparo. Ela foi reprimida por pessoas do próprio Candomblé local, dizendo que tal ação era ridícula e inconsciente.

Essa ação de Mãe Mira, ao contrário do que a sociedade enxergava na época tinha o fundante papel de romper com a sociedade da época, preconceituosa, que pratica um sincretismo e diz que a figura de Exú, Pombagira são figuras da representação do diabo, do demônio.

No Brasil Mpambu Njila ou Bongbogirá, o caminho da encruzilhada, foi criado para além de nkisi, cuja interpretação no novo mundo é compreendida como uma mulher prostituta, cortesã, mulher de baixos princípios morais, capaz de dominar homens por suas proezas sexuais, amante do luxo, do dinheiro, e de toda sorte de prazeres, a mulher que pratica orgias com vários homens e com outras mulheres. A Pombagira brasileira é vista como a mulher que, sendo um demônio, assim considerada pelos princípios fundamentalistas cristãos, é dona e liberal do seu corpo, com este domínio do seu corpo ela tem a capacidade de fazer o que bem quiser, pois ela não tem pai nem mãe e nem cria filhos, ela não tem família e nem fé em Deus (PRANDI, 1996; CAPONE, 2009).

A Pombagira representa neste sentido a figura do “exú” feminino, no sincretismo, não que seja Esù, o orixá iorubá, mas neste sentido vai representar todo um corpo que foi construído no imaginário com base nos escravos-entidades, pombagiras, padilhas e dos “exus” no Brasil. Mãe Mira trazia figuras de mulheres vestidas de Mpambu Njila, como princípio feminino, como forma de combater dentro daquele momento a violência religiosa que era tão intensa contra as ciganas, com as pombagiras, com o cultuar Esù e contra todo o sistema de opressão das religiões de matrizes africana no Brasil.

Desde os anos 60 as religiões de matrizes africanas eram tidas como seita, como manifestações folclóricas, fetichismo, animismo primitivo, e nessa perspectiva houveram “lutas” ações significativas de reconhecimento dos espaços sagrados e das práticas afro-brasileiras (BASTOS, 2011).

Em uma das minhas viagens ao Distrito Federal, passei numa determinada livraria de renome nacional, para procurar livros da literatura religiosa afro-brasileira,

mas especificamente sobre Candomblé, e fiquei horrorizado quando vi que os escassos livros sobre religiosidades afro-brasileiras, a exemplo do livro *Nanã a senhora dos Primórdios*³⁰ de Cléo Martins estava na prateleira na categoria de esoterismo, o que configura um desrespeito contra o povo de Candomblé, não somente nesta editora essa prática em algumas editoras ou livrarias.

Para este trabalho vale ressaltar que não somente os movimentos de agora ou movimentos atuais de combate à intolerância religiosa e órgãos governamentais que promovem ações, mas também esse povo antigo já promoveu ações, muitas das vezes não podiam realizar ações, como o atual movimento que faço parte, que nós dizemos em público que temos que combater o sincretismo, de nomearmos e termos a liberdade de expressão de afirmar em público que a sociedade brasileira é racista, machista, homofóbica, intolerante, mas já havia sim a exemplo de Mãe Mira, a construção de estratégias de combater a violência religiosa, que era mais chamada de intolerância, e claro que Mãe Mira não foi a primeira pessoa a combater a violência religiosa, mas ela enquanto uma das “mães de santo”, também, no nosso caso de referência antiga, ela vai a partir daí, a partir do seu tempo vai promover ações e estratégias de combate ao racismo, a intolerância religiosa e desenvolver práticas de valorização da educação no candomblé.

³⁰ Para mais detalhes consultar o site por meio do link <<http://www.saraiva.com.br/nana-a-senhora-dos-primordios-2582161.html>>, acesso em 19 de novembro de 2016, às 12:37H.



Imagem nº: XVIII. Filhas de santo da casa de Mãe Mira carregando os potes artesanais fabricados por Mãe Mira, na porta da Igreja do Amparo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A (re) construção desta biografia se deu pela necessidade, tanto de (re)conhecer o espaço onde estou inserido religiosamente e conhecer sobre a trajetória de Mãe Mira bem como da formação do Terreiro Diandelê. Foi necessário o registro desta trajetória religiosa, [que aqui neste primeiro momento não se faz esgotada] de uma das mais importantes sacerdotisas do Candomblé do Brasil, a qual desde os anos 60 colocava a sua comunidade religiosa a serviço do enfrentamento às práticas racistas, machistas, e contra a visão e o discurso perpetrado pela sociedade cristã de que o Terreiro era espaço onde se praticava o culto em adoração demônios, o que ao contrário desta visão da

moralidade cristã o Candomblé nunca foi, nem mesmo a Comunidade Diandelê, liderada por uma rainha negra.

Dado ao meu anseio em desenvolver este trabalho, lancei-me sobre vários dias e noites, durante anos em busca da criação do banco de dados que alimentou este TCC, pela busca da trajetória de Mãe Mira. Construí vários parceiros que acreditaram em mim, compartilhando informações precisas para a fundamentação da pesquisa. Eu tive como fontes principais na minha metodologia colaboradores, que denomino como minhas fontes orais: filh@s de santo, parentes, amigos, vizinhos, políticos, autoridades religiosas, pessoas da comunidade da rua do cajueiro e do seu entorno. Estes colaboradores mesmo muitas das vezes me fazendo esperar vários dias para dizer o que sabiam foram capazes de despertar em mim o quanto é preciso o registro das trajetórias das pessoas de Candomblé, isso também é um processo de auto-visibilidade, o que pode contribuir com a coletividade para o resguardo da memória.

Ao mesmo tempo em que meu sentimento muitas das vezes era de desencanto com a pesquisa, devido a demora que muitas das vezes uma entrevista pode levar para acontecer, para analisar, para receber autorização de publicação, compreender que alguns entrevistados não querem seus nomes revelados para tratar de algumas questões espinhosas. Pude perceber o quanto era às vezes incomodante a presença de um gravador ou câmera digital para filmagem.

Senti como era gostosa e agradável para alguns entrevistados ver algumas imagens de Mae Mira e Mãe Bela, lembrar da sua casa religiosa isso era muito legal tanto para mim enquanto pesquisador quanto para o colaborador ou colaboradora, pude presenciar pessoas emocionadas, nervosas, pessoas chorando com saudade de suas zeladoras, da casa ancestral e das relações vividas na dinâmica religiosa. Perder alguns arquivos foi um dos problemas que tive durante a pesquisa, pois alguns dos meus computadores deram defeitos, e o hd externo, onde se armazenava entrevistas foram perdidos ou danificado, mas pude muitas das vezes retornar a campo para recuperar ou fazer novamente novos dados. Quando eu vi que não dava mais certo utilizar computador para guardar meus arquivos comecei imprimir todos os documentos que produzir e guardei em meu acervo documental, bem como abrir conta no youtube para

armazenamento privado dos vídeos, os quais só eu tenho acesso, por enquanto, comecei a guardar minhas entrevistas em áudios bem como as fotos e textos produzidos no google drive o que deu certo.

Percebi e vivi o esforço que a minha mãe fazia para que tudo desse certo. A minha avó também chegou até a ir a campo comigo e ao chegar em casa teceu comentários da dificuldade do ato de pesquisar uma trajetória.

Gastei muito nas minhas pesquisas, pois eu tinha que me locomover da Universidade para Valença e de Valença para seus bairros. Certa vez, fiquei perdido no distrito de Passé em Candeias/BA, pensando que lá era a casa de Pai Benedito, irmão de santo de Mãe Mira, e só depois percebi que eu tinha que ir para a cidade de São Sebastião do Passé, que é também próximo a Candeias. Durante a pesquisa precisei ter coragem para atravessar bairros onde há fortes indicativos de criminalidade dentro da minha cidade.

No contexto em que Mãe Mira viveu e ainda vivemos o cristianismo parece esquecer que o Diabo não é filho e nem o Pai das religiosidades de matriz africana e afro-brasileiras. O cristianismo precisa rever seus dogmas e saber que o filho não nos pertence e quem o fez que procure cuidar, educar e doutrinar sua cria com seus valores morais, o que seria novamente um retrocesso. Mam'etu Kasanji, sempre será símbolo de respeito à religiosidade de matriz africana, compreendendo um construto religioso, da sua vida, permeada pelas raízes dos cultos tradicionais da grande Nação Kongo-Angola.

O Candomblé Angola no Baixo Sul da Bahia teve uma das mais importantes autoridades como a sua legítima representante, descendente de negr@s que resistiram aos processos escravagistas e fiel filha da ancestralidade e da cosmovisão africana Bantu. Diversas foram as manifestações públicas, lideradas por Mãe Mira, mostrando socialmente o poder dos candomblés, Mãe Mira construiu religiosamente estratégias de ser aceita pela sociedade, seu empoderamento era tão importante para os novos dias que ela mesmo sabia que ela era tão religiosa quanto os padres e pastores locais, é por isso que ela saía nas ruas da cidade de Valença exigindo respeito, e assim lutando pela igualdade racial e liberdade na sua “pátria amada”, Brasil.

O presente trabalho é fruto de aproximadamente quatro anos de questionamentos e indagações na busca da compreensão, a partir dos estudos e pesquisas que realizei sobre Mãe Mira, de como podemos contribuir com a descentralização dos estudos diaspóricos, sobre as discussões que temos feito dentro da Comunidade Caxuté e também dentro de outros espaços de empoderamento do povo negro-Bantu e mais especificamente do povo de Candomblé da Nação Angola, como grande exemplo dentro do Coletivo de Estudos e Pesquisas de Matriz Africana - Koiaqui Sakumbi e a partir de 2014 somou-se a luta os meus estudos e provocações enquanto membro do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB Campus dos Malês.

A Escola Caxuté foi o meu espaço de formação, onde desde 2005, na sua fundação, pude ter contatos com estudantes do curso de Pedagogia e Direito da Universidade do Estado da Bahia, Uneb campus XV. Acredito que também às várias perguntas que pesquisadores estrangeiros e locais que sob mim colocavam para que eu pudesse falar do espaço onde eu residia dentro de um Terreiro de Candomblé Angola o que para muitos deles era engraçado e curioso à visão de uma criança de pouca idade regendo com responsabilidade e respeito um legado tradicional que se faz em contato com sua família.

A pesquisa se compõe, ao longo da minha *escrevivência*, sendo um processo preciso, longo, demorado, cansativo, requer muita maturidade e responsabilidade com diversos fatores sociais, se colocar como pesquisador não é fácil, é um exercício consigo e com uma comunidade muito mais ampla que vivemos. Pesquisar aqui não é simplesmente um ato de amor, mas é um ato político e racional de resistência ancestral, ainda mais em um momento em que vivemos um golpe de estado no Brasil, onde a democracia é vencida, é deslegitimada, é massacrada e privada dos direitos fundamentais que foram garantidos anteriormente na Carta Magna do estado brasileiro. Estudar, pesquisar e escrever e militar durante um golpe é um exercício de poucos, mas preciso para que um dia a culpa de uma nova ditadura no Brasil não seja motivo para adoecimento das nossas faculdades mentais e das nossas futuras gerações e para que

nossos futuros descendentes não sintam vergonha do que não fizemos para o combate de práticas ilegais que colocou em risco corpos e liberdades de expressões.

DIZEMOS, também por meio da pesquisa NÃO AO BAFO DA NOVA INQUISIÇÃO e por meio negritude como fator importante para construção de novas metodologias e epistemologias na construção e (re)construção das trajetórias de registro do nosso povo de nguzu dizemos sim para a importância e o legado religioso da nossa “Estrela Negra da Costa do Dendê, a nossa Mametu Kasanji”. Mãe Mira Vive! Kisimbîê, Mpembelê Mam’etu, mam’etu amaze mazenza!!! Sua bênção minha mãe!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. **Saberes e viveres de mulher negra**: Makota Valdina (PDF). Revista Palmares. BASTOS, Ivana Silva. “**MULHERES IABÁS**”:: **LIDERANÇA, SEXUALIDADE E “TRANSGRESSÃO” NO CANDOMBLÉ**. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2009. 375 p. Primeira reimpressão.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**; apresentação e notas de Raul Lody. – 9ª. Ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008. – (Raízes).

CASTILLO, Lisa Earl & PARÉS, Luís Nicolau. “**Marcelina da Silva e seu mundo**: novos dados para uma historiografia do Candomblé Ketu”.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 3. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

CHAGAS, I. **Aprendizagem não-formal/formal das ciências**: relação entre museus de ciências e as escolas. Revista de Educação, Lisboa, v. 3, n. 1, 1993. p. 51-59.

IBGE. **Amargosa Bahia - BA**. Disponível em:

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/amargosa.pdf>> acesso em 09 de novembro de 2016, às 00:14.

ICÓ, Iara; OLIVEIRA, Natali Lordello. SANTOS, Íris Gomes dos; **Caracterização Geral da Região do Baixo Sul**. In: Íris Gomes dos Santos; Paula Chies Schommer; Miguel da Costa Accioly (orgs.). **Aprendendo com identidades e diversidades de comunidades tradicionais de pesca e mariscagem do Baixo Sul baiano** – Salvador:

CIAGS/UFBA; FAPESB; SECTI; CNPq, 2009. (Coleção Roteiros Gestão Social, v.1). p. 27-38.

LOPES, Nei. **Kitábu**: O livro do saber e do espírito negro-africanos. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

LUANGOMINA, Heráclito dos Santos Barbosa Táta. **Mãe Elvira Ajunsun Adê:: das Cozinhas ao Trono de Yalorixá**. In: I SEMANA UNIVERSITÁRIA COMPARTILHANDO SABERES, 1., 2014, São Francisco do Conde-ba. Anais da I Semana Universitária da Unilab. Redenção-ce: Unilab, 2014. v. 1, p. 747 - 747. Disponível em: <<http://semanauniversitaria.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2015/10/ANAIS-DA-I-SEMANA-UNIVERSITÁRIA-COM-SUMÁRIO-2.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

FILHO, Luiz Vianna. O Negro na Bahia. 1946.

LUZ, Elias Porto. **Mãe Mira: a grande diva do candomblé valenciano**. 2013. Disponível em: <<http://serafro.blogspot.com.br/2013/07/mae-mira-doxum-grande-diva-do-candomble.html>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. **Reflexões acerca da primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil**. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1 - 17. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300937084_ARQUIVO_DequeAfricaestamosfalando.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2016.

OLIVEIRA, Edgar Otacílio da Silva. **Serapuí: Sua História, Belezas e Lendas (Um Distrito de Valença – Bahia)**. Salvador-BA: 2009.

PARÉS, Luís Nicolau. **A Formação do Candomblé: História e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas. Editora UNICAMP, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Pombagira e as faces inconfessas do Brasil**. 1996. Do livro de Reginaldo Prandi, Herdeiras do Axé. São Paulo, Hucitec, Capítulo IV, pp. 139-164.

Disponível em:

<http://olorum.lendas.orixas.nom.br/classificados/ebooks/017_pombagiraeasfaces.pdf>.

Acesso em: 18 nov. 2016.

RABELO, Miriam. 2014. **Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé**. Salvador: Edufba.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O Poder dos Candomblés: Perseguição e Resistência no Recôncavo da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SILVA, Ismael Diogo da. **Angola Ontem e Hoje in A Matriz no mundo/ Elísa Larkin Nascimento, (Org.)**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

SOUSA JUNIOR, V. C.; SIQUEIRA, R.. **Ara mi, alimentação e outros temas afro-brasileiros**. 01. ed. Salvador: EDUNEB, 2014. v. 01. 130p .

SOUSA, Manoel Alves de. **Brasil Afro-brasileiro: Cultura, História e Memória**. 3. Ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.

FONTES DOCUMENTAIS:

- SANTOS, Almira Conceição; SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano de. Memorial do Unzó Dandalunga Diandelê. Valença/Ba, 2002. 7 p.
- Acervo da Comunidade Caxuté.
- Memorial da Câmara Municipal de Valença/BA.
- Acervo documental do Terreiro Unzó Matondo Tata Nzambi.

- Acervo documental da Federação Nacional do Culto Afro-Brasileiro - FENACAB.

ANEXOS

JANELAS ABERTAS

Elias Porto Luz



Mãe Mira D'Oxum: a grande diva do candomblé valenciano

Foi grande a minha tristeza quando soube aqui em São Paulo do falecimento de dona Mira D'Oxum, a nossa, Mametu Kassange. O seu passamento ocorreu se não me engano final do ano passado e só vinho ao meu conhecimento há poucos dias atrás, e como filho de Valença, conhecedor da trajetória desta grande dama do candomblé de Valença e do Baixo Sul Baiano, não poderia deixar de homenagear, mesmo que, postumamente, esta mulher, esta dama, este ser humano incrível, que foi dona Mira de Oxum, com quem convivi na minha infância, adolescência e mocidade.

Mesmo residindo em São Paulo há muitos anos, nunca deixei de visitá-la, me fazia bem ser por ela abençoado, conversar assuntos referentes à cultura afro-brasileira, especialmente o Candomblé de nação Angola, o qual ela entendia, como poucos. Fazia-me muito bem, nas minhas visitas periódicas à Valença, minha terra querida, visitar Mira e com ela bater um bom papo, nem que fosse rapidinho, mas, era muito bom. Numas dessas minhas visitas a ela, ela já doente, tinha sido acometida de um derrame, mas, totalmente ativa, lúcida e alegre, me mostrou com orgulho o diploma que recebeu da Câmara Municipal de Vereadores de Valença, o título de Yalodé, ou seja, grande mãe, mãe respeitada, mãe rainha, mãe velha... Tomei nas mãos o diploma e também me emocioniei, pois realmente era isso que era Mira, uma rainha, uma grande mulher, uma referência de muito respeito e por muitos aplaudida e procurada, e tendo sua casa de candomblé como ponto de referência e sempre lotada por todas as camadas da população valenciana, nos anos 60, 70 e 80, o "Cognizô Nkisse Kassandá D'NZabi", como era chamada espiritualmente a casa de mãe Mira, era uma casa de encantos, de axé, de magia e de funções espirituais frequentes. Quem não se lembra de dona Bela de Oxum, Mametu Kassandá, grande dama, grande mãe de santo, que muitas vezes vi atuando e regendo com firmeza e dedicação o axé da casa, e Mira, sua filha carnal na atuação direta junto a sua mãe.

Mãe Mira de Oxum

Pouco tempo depois que sai de Valença para morar em S. Paulo, soube da passagem de mãe Bela, para as moradas eternas, o que foi uma grande perda... E, à medida que retornava a Valença, percebia uma leve decadência naquela casa, e aos poucos, depois de ser acometida pela doença, mãe Mira, antes procurada, aclamada, paparicada, começa a sair do cenário, da vida da sociedade valenciana, e ultimamente,



entristecia-me, ver aquele Barracão, aquela propriedade em ruínas. Aquela que outrora fora um ponto de espiritualidade agora se encontra em estado de total abandono e decadência. Não deveria ser assim, mas, são qualidades ruins de nós, seres humanos, estamos sempre perto de quem está no auge, quando os amigos têm o que oferecer, nas festas e banquetes, mas, quando isso tudo cessa, lhes viramos as costas... Mas, é assim mesmo, é a vida! Tive o privilégio de residir, na minha infância, na Rua das Flores, bem próximo ao Barracão de mãe Mira, que, aliás, não era apenas o Barracão, era quase uma vila de casas, residência dos familiares e de pessoas ligadas ao Axé, e o espaço enorme dos locais sagrados, muito movimentado, casa lotada, festas lindíssimas... E nas segundas-feiras havia uma homenagem ao Velho Obaluayé, muitas vezes e quase sempre, faltava as aulas, no antigo ginásio, e fugia para a casa de Mira, comer pipocas e saborear um gostoso mingau servido pelas filhas de santo. Era! tempo bom, que recordo com saudades... Dona Mira atuante na sociedade, amiga e respeitada por políticos e religiosos, simpatizantes ou não da cultura afro-brasileira e nas festas da cidade, sempre tinha uma participação de dona Mira com um bloco, um Maculelê, ou algum folgado por ela apoiado e dirigido... Era assim a Valença dos meus tempos... Bons tempos aqueles em que o Candomblé tinha muito prestígio por aí, e grandes nomes que me lembro muito bem, eram ovacionados, não somente mãe Mira e mãe Bela, mas, outros nomes como, sr. Almiro, dona Laura, dona Olga, dona Bulália, dona Lourdes, sr. Vadinho e o sr. Augusto Caldas, meu primeiro pai de santo, com quem aprendi os primeiros rudimentos do candomblé de caboclos...

Lembro-me e com saudades, e quem não se lembra das tardes de domingo no alto do Fete-Quente, eram domingos felizes, o Barracão do meu finado pai Augusto lotado de pessoas de todas as idades e crenças, se acotovelando dentro e fora, nas portas e janelas, tamanha era a multidão para acompanhar e participar com alegria e fervor os

cânticos, os toques dos atabaques, as incorporações dos caboclos e guias, e eu lá no meio já, ainda adolescente... Quem não se lembra da liderança do sr. Narbal Caldas, muito sério, muito fervoroso e humilde a auxiliar seu pai carnal, e sua esposa e nossa grande amiga Nita do Bál, quem não se lembra, nos deixava a todos fascinados com seus guias, e sua bela cabeleira loira e ondulada a dançar e incorporar suas belas entidades... Ah! Essa turma toda nos deixou saudades e acredito que o cenário candombléctico de Valença nunca mais foi o mesmo... Mas, é assim mesmo, o tempo passa, a fila anda, e as mudanças também são positivas e a religião é dinâmica... Tenho sabido e acompanhado daqui que grandes nomes já vêm despontando aí, na pessoa de mãe Bárbara e de seu filho Heraclito Barbosa, que conheço apenas pelo facebook, membros do Terreiro Caxutê, que fica localizado em Cajalá, onde nasci, e onde se origina todos os meus familiares e parentes daí. Fiquei feliz quando soube e ainda quero conhecer esta casa de axé! Que não é do meu tempo, mas, que se sabe do belo trabalho que esta casa de axé vem realizando em Valença e região! Afirmando aos leitores que o que reletei era realmente a Valença que vivi, uma Valença festeira, religiosa. Era comum os blocos de carnavais, os afóxés de rua, o Zambiapunga, os ternos de reis, as novenas e trezezas cantadas, em louvor a Santo Antonio, com muitos cânticos e comes e bebes... E os carurus? Para esses, temos que tirar o chapéu! Os carurus eram festivos e concorridos, quem viveu esse tempo pode confirmar. As festas católicas, Nossa Senhora de Jesus, a Igreja da época era atuante, os terreiros de candomblé ativos, e, na minha adolescência e mocidade, transitava sem problemas por todas as culturas, era comum eu sair do barracão do meu pai Augusto e ir direto para a missa na Matriz, participar, ajudar, tocar, e cantar no coral da JEC, quem não se lembra? Juventude Estudantil Católica... Sofri algum tipo de discriminação por isso? Sofri, mas, tirava de letra, e quem naquela época era somente fiel católico? Poucos! Era comum ver grande parte da população nas Missas e a mesma população nos Terreiros.

Valença era uma cidade cultural, eclética, sem barreiras religiosas. Muitas vezes em apresentações públicas e festivais de corais, era comum se apresentar nosso coral da JEC sob a regência da professora Zezé Wense e o coral da primeira Igreja Batista na direção da professora Romilce. Ser protestante ou ser crente na época era ser Batista, os Batistas em Valença são

centenários, têm raízes, se existiam outras igrejas evangélicas, eram pequenas, sem expressão, mas, os Batistas com seu templo ainda pequeno, bem em frente à praça principal, convocavam pelos alto falantes seus fiéis para o culto... Era tudo assim... Mas, o que sabemos é que as coisas mudaram, os tempos são outros e novos grupos, crenças e igrejas novas foram chegando e se apossando da terra, e semeando a discórdia, as discriminações e preconceitos. Entretanto, saibam os novos religiosos que Valença tem dono e séculos antes de novas crenças chegarem por aí, esta terra cultuava seus santos católicos, seus ancestrais, seus orixás, seus caboclos e guias e quando se chega depois, se respeita os mais velhos e quem chegou primeiro, este chão é sagrado, e como diz a música, "Tem que pisar nesse chão devagarinho!"

Não há mais lugar em nossos novos tempos para o preconceito, as discriminações e desrespeitos a nenhuma religião ou crença. Ninguém é obrigado a acreditar nem gostar da crença do próximo, mas, respeitar sim... Estes são os tempos em que vivemos, como disse a Makota Valdina Pinto, em toda a imprensa e nas redes sociais, há algum tempo atrás, e isso repercutiu no mundo, a célebre frase: "Não quero que me tolerem, mas, que me respeitem". É isso mesmo, numa sociedade democrática, todos têm expressão; há lugar para todas as religiões, e cada praticante e líder ou sacerdote deve primar pela paz, pelo diálogo, pela convivência e o respeito é primordial, mesmo quem religião nenhuma pratique, ou seja, ateu, deve ser respeitado. Este tempo de preconceito, de caça às bruxas, de perseguições já passou, já ficou lá pra trás, pelo menos uns 500 anos! Mas, quem por qualquer motivo se sentir perseguido, discriminado, desrespeitado por professar uma cultura diferente da maioria, que nunca se cale, procure imediatamente a Promotoria Pública do município e denuncie! Há leis severas para este tipo de crime. Que o povo de Valença, meus conterrâneos, façam valer o trecho do hino da cidade, que cantei muito por aí, nos tempos de escola e do coral da JEC: "Valença nunca venceu, Valença terra de Paz! Grande abraço a todos! Muita paz e bem, muito Axé!"

Sobre o autor:

ELIAS PORTO LUZ, é filho de Valença, nascido em Maricabó, reside em São Paulo há muitos anos, é Graduado em Letras, Teologia e Filosofia, é pesquisador da Cultura afrobrasileira, e escreve para vários meios de comunicações, matérias referentes as religiões de Matriz Africana. É Babalorixá de Candomblé de Kêto, filho espiritual da conceituada Yalorixá, Mãe Gisèle M.L. Cossard, a Francesa, conhecida no meio religioso como, Yá Omindarewá. Ele é membro ativo da casa de Omindarewá o "Ilê Axé Yá Atará Magbá", no Rio de Janeiro, e conhecido pelo seu nome espiritual como Elias D'Oxalá, ou pelo seu orunkô, nome espiritual, "Babá AlayêMore".

Imagem nº XXVIII. Fonte: Acervo Caxutê. LUZ, Elias Porto Luz. Mãe Mira D'Oxum: a grande diva do candomblé valenciano In Janelas Abertas, Jornal Valença Agora. Valença, 18 a 24 de julho de 2013. É importante destacar que fui eu que solicitei do amigo Elias Porto Luz a elaboração deste texto, que eu mesmo fui o responsável pela editoração e envio para o Jornal Valença, tenho o e-mail atestando isso.

ILMº SR. PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO BAHIANA DO CULTO AFRO-BRASILEIRO;



Aos dois dias do mês de maio de 1986, compareceu à Secretaria Geral a Sra. ALMIRA CONCEIÇÃO DOS SANTOS, C. I. nº 392.685 SSP/BA, para declarar que foi iniciada para o Nkisi Oxum, nação Angola, no terreiro do Sr. Manoel Guilherme de Menezes (falecido) em 14 de maio de 1941, e que tinha terreiro na Rua do São Caetano, 425 e que fez com o seu zelador as obrigações de 01, 03, 07 anos. A declarante afirma que teve como pai pequeno o Sr. José Luis (falecido) e como mãe pequena a Sra. Eugenia Kaiango (falecida) e que funcionou como ogã de faca o Sr. Zezinho irmão de Badalo (falecido).

Datas das obrigações -

Recolhimento- 28 de fevereiro de 1941

data do nome- 14/05/41

obrigação de 01 ano - 26/05/42

obrigação de 03 anos- 14/05/45

obrigação de 07 anos- 25/05/49

A declarante afirma que já tem terreiro aberto a muitos anos e tem filhos de santo feito e não tem ogãs ou ekede confirmados.

Salvador, 02 de maio de 1986.

Almira Conceição dos Santos

Almira conceição dos Santos



Imagem nº XXX. Fonte: Google Maps, 2016. Indo em direção à antiga Pista da Aviação, encontramos um grande condomínio cercado por um grande muro de bloco e cimento com colunas de concreto, ferro, cimento e areia. A onde era o espaço mato da residência sacerdotal hoje a os interesses particulares dos filhos tomaram conta de tudo, inclusive vendendo essa área que tinha um significativo espaço.



Imagem nº XXXI. Fonte: Google Maps. Neste muro localizava-se a Casa de Mãe Mira. Esta casa hoje, primeira, era onde funcionava a Escolinha de Mãe Mira, bem como um dos seus escritórios.



Imagem nº XXXII. Fonte: Google Maps, 2016. Terreno onde localizava o Terreiro Diandelê, hoje resta apenas mato e os fundamentos que não são visíveis aos olhos humanos.

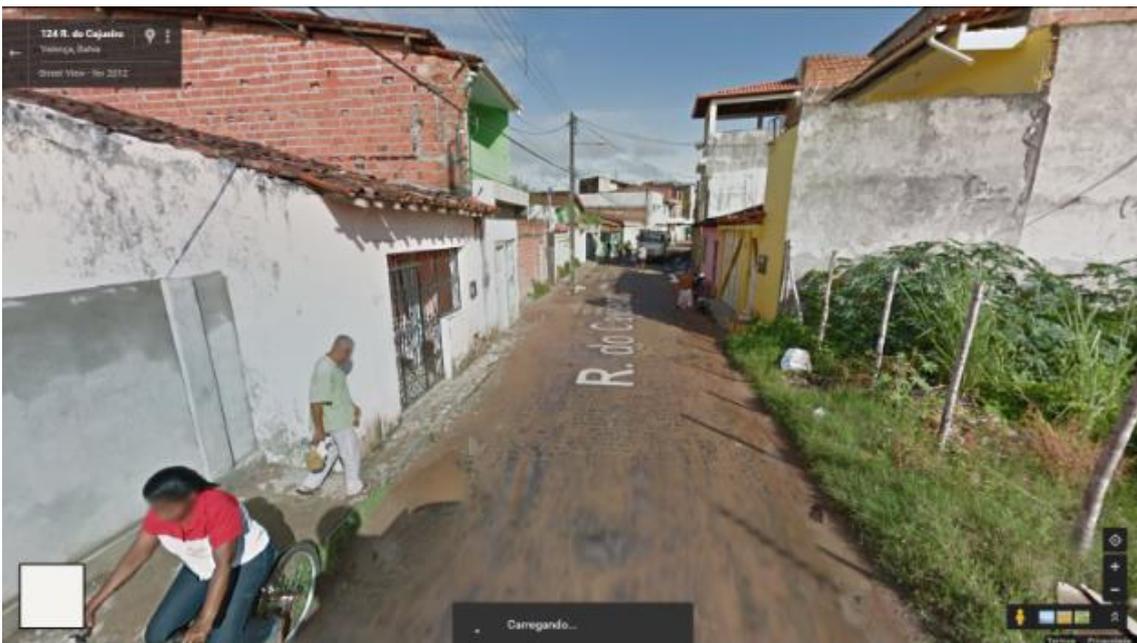


Imagem nº XXXIII. Fonte: Google Maps, 2016. Rua do Cajueiro, indo em direção ao centro da cidade, do lado esquerdo o muro, onde era a casa de Mãe Mira e a direita o terreno onde era o Diandelê, hoje o terreno encontra-se cercado com piquetes.

APÊNDICE

**QUADRO DOS COLABORADORES E COLABORADORAS:
NOSSAS FONTES ORAIS:**

COLABORADOR (A)	SOBRE
Alcides da Cruz	Taata kambondo ligado, não foi confirmado não Terreiro Diandelê. Um dos meus principais colaboradores.
Janete Pereira Vomeri	Coordenadora do Memorial da Câmara Municipal de Valença, professora da rede pública de ensino em Cairu/BA.
Hercília Conceição -	Irmã biológica de Mãe Mira. Responsável pela autorização da publicação desta pesquisa biográfica.
Silvino	Membro do Diandele. Mãe Bela foi sua primeira Mãe zeladora após Mãe Mira.
Valter	Mestre de saber popular, diretor da Zambiapunga.
Alzira Félix dos Santos -	Conhecida na Comunidade Caxuté por “vó Alzira”, ou Odemina, sua digina. Mam’etu Odemina é mãe biológica de Mãe Bárbara, e inseriu sua filha no terreiro de Mãe Mira.
Maria Balbina dos Santos	Mãe Bárbara: filha de santo de Mãe Mira, tia de Mãe Mira, sendo ex-esposa do tio de Mãe Mira o senhor Irênio Querino Barbosa.
Vilson Caetano de Sousa Júnior	Babalorixá, Cientista Social, conheceu e teve experiências com Mãe Mira.
Mustafá Rosemberg	Médico, compadre, colega e amigo de infância de Mãe Mira.
Lindinalva Guilherme de Menezes	Filha de santo de Mãe Mira, e biológica do taata Manoel Guilherme de Menezes.
Raidalva Marinho de Jesus	Dadi é seu apelido, sua digina é Hooximale; Muzenza do Terreiro Caxuté e neta de nguзу de Mãe Mira como a mesma se define em entrevista.

Maria José do Rosário Silva	
Maria de Lourdes Santos da Cruz	Esposa de Alcides da Cruz - filha de santo de Mãe Mira.
Josias Vianey dos Anjos	Frequentador da casa de Mãe Mira, é rezador em Valença/BA.
Otávio Mota	Frequentador da casa de Mãe Mira, foram amigos.
Roque Campelo Galvão de Queiroz	Político, conheceu muito Mãe Mira, o mesmo é parente do prefeito ex-prefeito Ramiro José Campelo de Queiroz.
Rosemary dos Santos	Saiu vestida nos cortejos de Mãe Mira na Lavagem do Amparo.
Claudio Marcio Miranda de Oliveira	Conviveu muito tempo com Mãe Mira e na sua casa há cadeiras de santo que o mesmo retirou do Diandelê, segundo ele tinham pessoas roubando tudo do terreiro.
Eloisio de Oliveira Belem	Eloísio frequentava as festividades do Caruru de Vunji.
Cecília Maria da Silva	Filha de santo de Mãe Bela.

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E PUBLICAÇÃO DE BIOGRAFIA

Neste ato, eu HERCÍLIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS, nacionalidade brasileira, residente à Rua Riachuelo, município de Valença, Bahia. AUTORIZO o uso das imagens da minha genitora HERMELINA ROSA e da minha irmã biológica a senhora ALMIRA CONCEIÇÃO DOS SANTOS e informações por mim prestadas em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada nos trabalhos de Heráclito dos Santos Barbosa (Táta Luangomina), estudante do Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB) como para a biografia de vida de Hermelina Rosa e Almira Conceição Santos. A fim de ser produzido documentário, registro e pesquisa acadêmica do trabalho de conclusão de curso sobre a sacerdotisa afro Mãe Mira (Almira Conceição dos Santos). A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em sites e redes sociais, galeria ou em catálogo ou livro impresso somente para divulgação e documentação. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Valença, 10 de outubro de 2015.

Hercília Conceição dos Santos

HERCÍLIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Heráclito dos Santos Barbosa

HERÁCLITO DOS SANTOS BARBOSA TÁTA LUANGOMINA

Telefone p/ contato:

Imagem nº XXXIV. Fonte: Táta Luangomina. Termo de autorização de uso de imagem e publicação de biografia, assinado por Hercília Conceição dos Santos.

*Recebido para análise
em 12/12/2015
[Assinatura]*

*Arivaldo Macedonhas
Presidente
Tel: 011 3401-8158 / 3321-8867*

UNILAB
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB
Campus dos Malês - São Francisco do Conde/BA

Termo de Compromisso

Eu Heráclito dos Santos Barbosa (Táta Luangomina) , abaixo assinado, pesquisador do projeto intitulado : **Mãe Mira: a estrela negra da Costa do Dendê, que tem o objetivo de recompor** a trajetória da vida religiosa da senhora Almira Conceição Santos, **sob a orientação da professora Dra. Cristiane Santos Souza**, comprometo-me em usar as informações e dados coletados no acervo e nos arquivos da **Federação Nacional do Culto Afro Brasileiro** com vistas apenas para a realização do referido projeto, comprometendo-me ainda em garantir a confidencia dos nomes das pessoas que por ventura possam gerar constrangimentos à instituição, como preconizam o **CÓDIGO DE ÉTICA DO ANTROPÓLOGO E DA ANTROPÓLOGA, Criado na Gestão 1986/1988 e alterado na gestão 2011/2012**

São Francisco do Conde - Bahia, 17, dezembro de 2015.

Heráclito dos Santos Barbosa

HERÁCLITO DOS SANTOS BARBOSA

CPF: 056.876.655-52

Imagem nº XXXV. Fonte: Táta Luangomina. Termo de compromisso selado entre o pesquisador e a FENACAB.



Recebido
Para análise
em 07/12/2015

Aristides Mascarenhas
Presidente
Tel: 71 3401-8155/3321-8862

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB
Campus dos Malês - São Francisco do Conde/BA

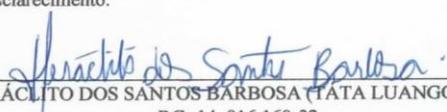
São Francisco do Conde, 17 de Dezembro de 2015.

A (o)
Ilmo (a). Sr (a). Aristides Oliveira Mascarenhas
Órgão: Federação Nacional do Culto Afro Brasileiro - FENACAB

AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Heráclito dos Santos Barbosa (Táta Luangomina), estudante do Curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB - Campus dos Malês, na Bahia) está realizando a projeto de caráter acadêmico sobre preservação e (re)construção da trajetória, memória, visibilidade e história de vida de Mãe Mira, vem através dessa solicitar autorização da Federação Nacional do Culto Afro Brasileiro – FENACAB –, para realizar a pesquisa dados e informações no *setor de arquivo interno* desta instituição, no período de 20 à 31 de dezembro de 2015 para o trabalho de conclusão de curso, intitulado *Mãe Mira: a estrela negra da Costa do Dendê*, sob a orientação da Professora Dr^a. Cristiane Santos Souza. Este trabalho tem o objetivo de investigar, sistematizar, construir e publicar a primeira biografia da sacerdotisa Almira Conceição Santos. Iniciada para a nkisi Dandalunda, em Salvador, no Estado da Bahia, pelo taata riá nkisi Manoel Menezes, recebeu o nome religioso de *Kasanji* e popularmente era conhecida por Mãe Mira. A presente pesquisa busca traçar a trajetória de vida desta sacerdotisa do Candomblé Angola, em relação às trajetórias de vida dos senhores Taata Benedito e Manoel Menezes (seus familiares de candomblé), no município de Valença, na Região da Costa do Dendê, no Baixo Sul da Bahia.

Certo da compreensão e acolhimento desta solicitação desta instituição, agradeço antecipadamente e coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.


HERÁCLITO DOS SANTOS BARBOSA (TÁTA LUANGOMINA)
RG: 14. 916.160-32
MATRÍCULA NA UNILAB: 2014102955


CRISTIANE SANTOS SOUZA
RG: 04331727-89
SIAPE: 2122297

Imagem nº XXXVI .Fonte: Táta Luangomina. Autorização de Pesquisa no uso dos arquivos da FENACAB.



Políticas da Antropologia:
Ética, Diversidade e Conflitos



Brasília, 15 de abril de 2016.

Ao/À Senhor/a
Heráclito dos Santos Barbosa (Unilab)

Prezado/a Colega,

Comunicamos que seu trabalho, intitulado "*Mãe Mira: trajetória e memória no candomblé angolano*", , foi aceito para apresentação no Grupo de Trabalho "GT 063. Trajetórias religiosas em trânsito e novas configurações identitárias" na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, que ocorrerá entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, na Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João Pessoa - PB.

O/ senhor/a deve submeter até **20 de junho** a versão completa de seu trabalho, em PDF, através de sua área restrita no site da reunião. Clique aqui para verifica as regras de formatação para o trabalho completo estão disponíveis no link http://www.30rba.abant.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=308

Caso não possa comparecer ao evento para apresentar seu trabalho, por favor, nos avise imediatamente através do e-mail 30rba@abant.org.br para que os/as coordenadores/as do GT possam fazer a devida substituição.

A Associação Brasileira de Antropologia não dispõe de recursos para financiar passagens e hospedagens de convidados/participantes. Desta forma, sugerimos que cada envolvido em atividades da RBA busquem apoio através de suas instituições, fundações de amparo à pesquisa de seus respectivos Estados e/ou instituições de fomento.

Por fim, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos votos de estima e consideração e reconhecer o empenho para participar da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia.

Atenciosamente,

Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ)
Presidente da ABA

Associação Brasileira de Antropologia, Caixa Postal 04491, Brasília-DF, CEP: 70904-970
Tel/Fax: (61) 3307-3754 – E-mail: aba@abant.org.br – Site: www.portal.abant.org.br
30ª Reunião Brasileira de Antropologia
E-mail: 30rba@abant.org.br Site: <http://www.30rba.abant.org.br>

Imagem nº XXXVII .Fonte: Táta Luangomina. Resumo aprovado na 30ª RBA - Reunião Brasileira de Antropologia.

KOIAQUI SAKUMBI

Coletivo de Estudos e Pesquisas de Matriz Africana


CONFERÊNCIA:
Ancestralidade Bantu no Baixo Sul da Bahia: memória e convivência religiosa com mam'etu Kasanji

O Coletivo de Estudos e Pesquisa de Matriz Africana da Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia convida a tod@s para realização deste evento!

Data: 18 de maio de 2016. **Horário:** 14h às 18:30h / **Entrada:** gratuita / **Endereço:** Rua da Graciosa, km 11, Comunidade Caxuté, Cajaíba, Maricoabo, Valença – Bahia - Brasil. **Local:** Auditório Tempo Livre (Escola Caxuté). / **Critério para certificação** : resumo escrito ou oral sobre a conferência e 75% de permanência o evento. E-mail: koiaquisakumbi@gmail.com, Cel/whatsapp: (75) 9-9966-3720.



- **Mam'etu Kwa Nkisi Kafurêngá** — Comunidade Terreiro Caxuté, e diretora da Escola Caxuté.



- **Taata Kwa Nkisi Katuvanjesi** - Terreiro Nzo Tumbansi e coordenador nacional do ILABANTU

ILABANTU: "O ILABANTU, nasceu em 22/11/1985 na cidade de Ipiáú, no baixo sul da Bahia, região do Vale do Rio de Contas, com a denominação de Inzo Tumbansi Tua Nzambi Ngana Kavungu, como Casa de Cultura Tradicional de Matriz Africana Bantu Congo-Angola, constitui em um espaço próprio de resistência e sobrevivência, que possibilita a preservação e recriação de valores civilizatórios, de conhecimentos e da cosmologia trazidas pelos africanos, quando transplantados para o Brasil.

COMUNIDADE CAXUTÉ: A Comunidade Caxuté é constituída pela Associação Religiosa e Cultural Terreiro Caxuté Tempo Marvila Senzala Do Dendê e mantenedora da Escola Caxuté - Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia, 1º colocada no Prêmio de Culturas Afro-brasileiras na categoria "Iniciativa Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana" em 2014 pela Fundação Palmares.

Comissão Organizadora:

- **Heráclito Barbosa Táta Luangomina:** (Membro do Koiaqui Sakumbi, sacerdote do Terreiro Caxuté, graduado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional Afro Brasileira – UNILAB, campus dos Malês).
- **Jefferson Duarte Brandão (Táta Sobodê):** (Membro do Coletivo Koiaqui Sakumbi, Taata Nsaba do Terreiro Caxuté, Mestrando em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo Bahia - UFRB).

Imagem nº XXXVIII . Fonte: Táta Luangomina.